

# Orestes Barbosa: **SAMBA**

933

NÁSSARA

*sua  
história  
seus  
poetas  
seus  
musicos  
seus  
cantores*

SAMBA

[EM BRANCO]

**ORESTES BARBOSA**

**SAMBA**

SUA HISTORIA  
SEUS POETAS  
SEUS MUSICOS  
E  
SEUS CANTORES

**LIVRARIA EDUCADORA  
RUA S. JOSÉ, 17 – RIO  
1933**

De ORESTES BARBOSA

*A publicar :*

*Historia de minhas 8 prisões* (1921, 1924, 1928, 1930, 1932).

*As leis do mundo contra os estrangeiros* (cole-tanea).

*O Brasil no Exterior* (Reportagens feitas na Europa).

*O portuguez e o crime no Brasil* (Estatística oficial).

*Candinha* (romance de amor dos suburbios).

*Sinal fechado* (vida de imprensa).

*Os 27 dias da "Jornada"* (narrativas).

*Mario Rodrigues* (O homem e a obra).

*Baú de lacráo* (Cronicas).

*Ara* (poesias).

*A*

*Ossian da Costa Barbosa*

[EM BRANCO]

*Eu e o tempo contra todos.*

ESCHYLO.



[EM BRANCO]

## PREFACIO

**O**RIO DE JANEIRO, berço do samba, reclamava de ha muito um estudo sobre a melodia carioca. Porque nada melhor para definir um povo do que a sua musica. É ella que nos mostra, atravez dos seus rythmos e dos seus motivos, a verdadeira alma da gente que a creou.

Agora, porém, com o apparecimento deste livro, está satisfeita aquella justa exigencia. E, é preciso accentuar, satisfeita por um dos poucos, senão o unico conhecedor do samba capaz de realizar uma obra definitiva.

\* \* \*

Victorioso como escriptor e como poeta, Orestes Barbosa é, acima de tudo, o reporter da cidade.

Nascido na Aldeia Campista, na rua Pereira Nunes, fronteira de Villa Izabel, Orestes aprendia instinctivamente, na sua adolescencia, a ser carioca. Morou nos suburbios. Morou em Paquetá. E

[010]

morou na Gavea, onde, aos dez annos, tocava violão

*para monsenhor Paulino Petra ouvir:*

*Depois foi á Europa. Esteve na França. Andou pela Alemanha. Visitou a Holanda. Remexeu a Belgica toda. Um dia, voltou. Foi residir no mesmo bairro onde nasceu. E aconteceu o que não podia deixar de ter acontecido. Poeta e carioca, Orestes virou sambista.*

\* \* \*

*Sambista integral. Sambista do bom. Creador do samba na sua ultima phase – o samba urbano. Porque foi realmente Orestes Barbosa quem coloriu a emoção do morro, introduzindo no samba a nota civilisada do “abat-jour” de seda, do arranha-céo imponente, do perfume esquisito, do “manteaux” acariciante, do apperitivo capitoso, do telephone serviçal.*

*Ahi estão, entre outras producções suas, “Rosalina”, “Flôr do asfalto” e “Vidro Vasio”.*

*Ahi está também, estribilhado a cada momento, o samba “Araruta”, reflectindo o espirito vingativo do malandro, que lembra á sua amada a infallivel collaboração do tempo na execução da sua vindicta.*

\* \* \*

[011]

*Este livro são paginas de sentimento.*

*Orestes Barbosa não podia patentear de melhor maneira a sua ardorosa afeição á terra natal.*

*Nem a magnificencia da sua natureza, nem o esplendor das suas avenidas, nem a febre do seu progresso ultrapassam, no Rio, este patrimonio que é o genuino sentimento carioca plapitando no samba.*

*Cidade "leader" do Brasil, se a nossa metropole não possui autonomia politica, tem ao menos o direito de dizer, pela penna de um dos seus grandes chronistas, que é a legitima dona do pandeiro e do tamborim.*

*O samba vae começar...*

*MARTINS CASTELLO.*

[012]

[EM BRANCO]

[013]

O samba é carioca.

A emoção da cidade está musical e

poeticamente definida no samba.

E as canções antigas do Rio, com as variantes que se percebiam e não se classificavam, mostravam certa dolência, e um tom de malícia que acabou plenamente plasmado neste gênero de música e poemas característicos da terra onde **Olavo Bilac** nasceu.

\* \* \*

A confusão precisa ir sendo desfeita.  
Não é carioca o baião.  
Não é carioca o batuque.  
Não é carioca o cateretê.

\* \* \*

Na poesia popular do sul, ha sempre um tom de bravura guerreira.  
Lá, as cochilhas são retratadas nos poemas.

[014]

E a lua, nos pagos, é uma placa de aço que serve de alvo ás emoções.

\* \* \*

No norte, a lua é uma aureola de santa...

\* \* \*

No Rio, a lua é uma hóstia de vaga melancolia.

\* \* \*

O carioca vê a lua mas não sente saudades.

Lembra-se apenas da saudade...

Da saudade dos outros.

Da saudade do mundo, imaginando os dramas dos corações de Nápoles ou do Tirol – vendo na lua, não o cadáver de um astro, mas a luz de uma janela de arranha-céu newyorkino.

As lembranças da ponte Alexandre, em Paris.

O amor das mulheres de cara escondida, em Constantinopla.

Os canas de Bruges, no Manguê, recordando Rodembach amargo e sentimental...

\* \* \*

Uma lua mais evocadôra do que saudosa.

[015]

A lua é, na terra dos tamoios, uma reminiscência de pérola.

Nunca a cristalização de uma lágrima, como diziam os antigos líricos á Musset.

\* \* \*

O carioca vê a lua com o olhar de civilização.

Dahi o iluminar as praias com grandes fócios, fazendo também coloridos de luz dentro de casa, na ternura dos “bungalows”.

O carioca quer as flores ardendo na opala das lampadas – as magnolias frias e exalantes, pendendo nos gradis, entre globos que derrotaram definitivamente o luar.

\* \* \*

O carioca quer o mar espelhado artificialmente.

E a lua mais palida como uma lembrança no alto, refletindo menos na água do que os combustores que orlam o céu.

\* \* \*

O carioca, americano, que é produto de todos os povos do mundo, não é hoje mais o transplantado europeu de ha meio seculo, o qual fugia do entusiasmo fisico da vida para as investigações do mis-

[016]

terio cósmico, que nunca ninguem desvendou e hoje ninguem quer mais desvendar...

\* \* \*

O Brasil, triturador de temperamentos, tem hoje a sua feição propria, que varia no nordeste, no centro, no norte e no sul, mas é, nessa variedade, muito diferente dos outros povos que se transportaram para a terra de Santa Cruz.

\* \* \*

O caso da lingua é eloquente.

Colonizado por portuguezes, o nosso povo fala um idioma que se distingue de Estado a Estado.

Mas não ha um unico recanto do Brasil onde se fale á moda de Portugal...



\* \* \*

A reação foi completa.  
E definitiva.  
O carioca, diverso em tudo, de todos os povos,  
creou a sua musica original.

\* \* \*

Este livro, que é a historia do samba, mostra  
este genero musical em sua plena definição.

[017]

Seus musicos, seus poetas e seus cantores, aqui  
aparecem, destacados de outros musicos, de outros  
poetas e de outros cantores do proprio Brasil.

\* \* \*

Fiz uma antologia das ruas.  
Eu sou da rua.  
E esta autoridade ninguem me negará...

\* \* \*

Estas paginas, escritas no estilo que lancei quando os modernistas de São Paulo faziam o parnasianismo do “Juca Mulato” e do “Nós”, é uma reportagem e uma reivindicação.

\* \* \*

Alguem já disse que os fazedores de antologias são como os colecionadores de borboletas mortas...

\* \* \*

As borboletas, espetadas, guardam o colorido vivo das azas.

Mas fica faltando a beleza do vôo ao sol...

\* \* \*

[018]

No caso deste volume, a beleza que falta é a musica dos poemas que colecionei.

\* \* \*

Este capitulos possuem, todavia, um merito : foram vividos no meio dos sambistas da terra em que nasci.

\* \* \*

Os leitores vão passear comigo nos morros, nos suburbios, nos arrabaldes, nas rampas maritimas – em todas as claridades e em todos os desvãos soturnos onde vive a alma do povo singular da cidade mais linda que o mundo tem.

\* \* \*

Parece que a musica é a voz que fala dentro de nós.

Foi assim que se expressou Socrates.

Foi pelo menos dessa forma que a definiu Verdi.

\* \* \*

Cada povo tem a sua alma, produto das suas origens etnicas, do seu meio, das suas historias, das suas paizagens, dos seus climas, das suas paixões.

\* \* \*

[019]

O Rio, laboratorio de emoções, creou a sua alma, e com ela o seu ritmo musical.

\* \* \*

O caso do fado é ilustrativo.  
Portuguez, ele nasceu no Brasil.  
Foi a lamuria do forasteiro quem o creou.  
Mas, ele era tão portuguez que não ficou aqui.  
Foi para Portugal, lá fez ambiente, e é hoje a musica classica daquela gente de além mar.

No Brasil o fado só é aceito no meio de luzitanos que vêm cavar a vida nas terras do Cruzeiro do Sul.

\* \* \*

Assim a guitarra e a vióla.  
Aparecem, às vezes, no interior.  
Mas o arranhado de metal desses instrumentos não tem um só adepto no berço de Machado de Assis.

\* \* \*

O samba é carioca.

Basta o que está dito acima para caracterizar a existencia de uma musica da cidade.

Para provar mais, seria preciso remontar ás origens da musica, sem esquecer a harpa eólia, o que tornaria fastidiosa a documentação...

[020]

Seria uma incursão pelas harmonias olimpicas de que nos falou Peter Philips, musico britanico dos fins do seculo XVI.

Não é, entretanto, necessario sair do Brasil, para provar que o samba é carioca, e por isso mesmo venceu a valsa, e tem quasi liquidado o fox de importação...

\* \* \*

Que a musica define um povo, basta pensar nos conceitos pitagoricos.

E Pitagoras não se deitava antes de tocar citara...

\* \* \*

Schopenhauer disse que a musica “exprime a

cousa em si de cada fenomeno”.

E’ claro que ahi o filosofo não excluiu os fenomenos raciaes e sociaes.

Desse modo, das misturas que o Rio tem, vem a sua musica propria – o samba que é tão nosso como a romanza é italiana, o tango é argentino e a cançoneta é de Paris.

\* \* \*

Um naturalista gaulez chegou a descobrir que as folhas das arvores, ouvindo musica, movem-se

[021]

nas hastes, procurando a direção de onde partem os sons.

\* \* \*

O carioca, aliás, é originalmente musico, desde as tabas dos seus indios.

O rio Carioca, que a mentalidade colonial encobriu, aterrando-o, e que passa por baixo da rua das Laranjeiras, era tido, entre os tamoios, como fazedor de beleza nas mulheres que nele se banhavam, e eficaz

para clarear a voz dos cantores.

Os tamoios viviam voltados para os seus instrumentos rudes, exímios tocadores de inubia – uma flauta feita do osso das pernas dos inimigos.

\* \* \*

Ha um pequeno bahú de folhas, na igreja dos Barbadinhos, que guarda os despojos de Estacio de Sá.

Mas falta lá um osso da perna esquerda do invasor.

Possivelmente a canela desse luzitano, flechado lá na praia do Flamengo, acabou na boca de algum Pixinguinha do tempo...

\* \* \*

Cimbalos e realejos; gongos, pifanos e clarones; ganzás, xilofones, timpanos e anforas; flautas e pia-

[022]

nos; cítaras e bandolins; oficlides e saxes; corners e fagotes; oboés e requintas; flautins e trombones; ocarinas e vibrafones; maracás, marimbáus e inubias; harmonios e concertinas; bandoniões, pistões e

clarinetas; violoncelos e liras; triangulos, trombetas e clavincebalos; harpas e bandurras; cavaquinhos e banjos; guitarras e violas; alaúdes e orgãos; claves e contrabaixos; trompas e clarins; cornetas e tubas; helicon e arrabil; chocalhos, omelês e afochês; flagioletes, gaitas e tantans; monocórdios e sanfonas; teorbas, pratos, bombos, violinos e violões; castanhetas e guizos; cálamos e machêtes; tabaques e zurnas; clarinas, sistros e carrilhões; quinores, sirenes e zamponas, emfim, todas as familias de madeira, de corda, couro e metal, tiveram no Brasil a descendencia que está nas nossas orquestras típicas, onde os mais austeros dessas proles ancestraes ficaram escravizados á doçura das nossas melodias, na novidade dos pandeiros quadrados, das cuicas e dos tamborins – curvando-se o piano classico a fingir de violão, no tremulo do teclado, em paradas bruscas e intencionaes, para entrar o canto da cidade, o samba que empolgou definitivamente a população.

\* \* \*

Musica classica...  
O que é musica classica?

\* \* \*



[023]

Classica é toda ella dentro das épocas – teoria indiscutível do transformismo, cuja afirmação não poupou Lavoisier á guilhotina, no tempo do Terror.

\* \* \*

Donde vem a musica?

Plutarco deu graças a Deus por que o creador não se esqueceu de dar voz ao homem – a garganta que o homem quiz reproduzir em canudos de metal enroscado, em tubos de cana e caixas de madeira – em cordas esticadas para sorrir ou para chorar...

\* \* \*

O samba vive até no andar da carioca, a mulher que pisa musicalmente.

Dahi aquele que diz:

“Da sua voz eu fiz a melodia.  
A harmonia eu tirei do seu olhar.  
Estava já perdendo a paciencia  
quando roubei a cadencia

do seu modo de pisar”.

A musica, que viveu até nas caixas de joias dos fidalgos que iam ao beija-mão da Quinta Imperial, e existiu num copo do cronista Amorim Junior, que

[024]

só tocava cheio de cerveja, viveu aqui nas nossas ruas, no fonografo ambulante de Fred. Figner; nos realejos que faziam dansar ursos e macacos, ou transformavam periquitos em Herbert Moses, obrigando-os a ler nosso idioma, tirando sortes, e levando tapas quando não traziam no bico um bom destino para o freguez...

\* \* \*

Viveu, igualmente, na banda alemã, que desapareceu porque caceteava tocando Wagner.

E, ainda, num grupo de cegos que ficaram sem publico tocando Beethoven e Chopin nos seus violinos e rabecões.

\* \* \*

O velho da harpa de uma leiteria da rua do

Ouvidor foi o que mais resistiu, cabendo certa glória aos antigos garotos dos bahús de puxa-puxa, precursores do bateria, porque com duas vaquetas faziam prodígios de ritmos sem ninguém ensinar.

\* \* \*

Que fim levou o homem dos sete instrumentos?  
A carroça do caldo de cana, que tocava música, também acabou.

\* \* \*

[025]

Hoje ainda se escuta, às vezes, cantar o sorveteiro, que foi poeta tirando sambas, entre aqueles inconscientes criadores da música regional, agora gloriosa nos discos, nos rádios, nos salões e nos casebres – o samba que toda cidade dança cantando, sentindo, vibrando e vivendo, numa emoção autônoma que entusiasma e comove, dentro de uma natureza que parece pintura de imaginação!

\* \* \*

Astros mortos...

O Rio guarda saudades de Anacleto Medeiros; de Aurelio Cavalcante, de Ernesto Nazareth, de J. B. Silva, o **Sinhô**; de Rubens do Estacio, do China, de Newton Bastos, de Aricles França e Horacio Campos, com a saudade de outros menos populares, mas igualmente sinceros nas suas composições.

\* \* \*

Aurelio Cavalcante era um mulato alto, de fraque, de rosto longo, dentes longos e costeletas longas.

Tocava piano na porta da casa de musicas da rua Gonçalves Dias **Ao clarim da vitoria**, e ali mesmo vendia suas valsas, aceitando os chamados para os bailes onde só o piano tinha aceitação.

Foi um astro no seu tempo.

\* \* \*

[026]

O Corujinha, Carlos T. de Carvalho, foi menor, mas tambem famoso, e com ele morreu a valsa em tres partes, que teve um cultor em Mario Penaforte, e que

hoje aparece como hospede nos **menús** musicaes, mais pela força da tradição do que mesmo pelo apreço dos dansarinos.

\* \* \*

Desaparecida a valsa, tomaram logar saliente os tangos de Ernesto Nazareth.

O tango era samba.

Havia medo de dizer o vocabulo, como já antes haviam sido **polka, lundú e maxixe** todos os sambas do tempo do Imperador.

\* \* \*

Anacleto Medeiros encheu uma época, dirigindo a banda dos Bombeiros, e fazendo a schotisch, em que Catulo dava largas ao seu estro nefilibata que fazia furor.

\* \* \*

Aquele medo de confessar a existencia da nossa musica com o nome proprio, era igual aquele que ainda hoje chama de **caboclo** aos mestigos de africanos, que somos quasi todos nós, desde Ruy Barbosa e Santos

Dumont – com muita honra pela parte que

[027]

me tóca, com todo o olho verde que tapêia em mim o grito de protesto de uma avó mineira, e assás morena, da mesma terra da avó do grande inventor.

\* \* \*

Ernesto Nazaret foi manancial de novidades.

O **Ai ladrãozinho**, o **Apanhei-te Cavaquinho**, o **Bambino** e tantos outros tangos foram criações que ainda hoje são fontes de sambas riquíssimos em modulações.

\* \* \*

Ernesto Nazareth não morreu porque ainda reside neste mundo, mas tem o seu tumulto de vivo no Hospício.

Enlouqueceu.

E na loucura, não esqueceu a música.

No Hospício, porém, não lhe dão um piano.

E' o seu maior desejo.

Quer tocar.

Visitado, na vespera do ultimo carnaval, por um **novo**, Ernesto Nazareth disse:

– Tenho para este carnaval uma marcha que vae abafar, Quer saber o nome da marcha?

O visitante mostrou-se interessado.

[028]

Ernesto Nazareth, falando-lhe ao ouvido, disse:

– O titulo é este: Estás maluco outra vez.

\* \* \*

Rubens do Estacio foi no seu meio uma consagração.

Quando ele morreu, o seu bairro fez-lhe um samba de musica liturgica, que começava:

“Morreu nosso mano Rubens  
O Estacio da saudade chora  
O’ que mundo ingrato  
Que a todos devora”.

\* \* \*

Newton Bastos foi um fulgor.

É dele o

“Se você jurar  
que me tem amor,  
eu posso me regenerar.  
Mas, se é para fingir,  
mulher,  
A orgia assim não vou deixar”.

\* \* \*

[029]

E este:

“Eu fiz tudo  
Pra esquecer a quem amei  
Hoje estou arrependido  
Sem querer eu já chorei.  
Eu já chorei sem querer:  
Chorei por ter me lembrado  
De tudo quanto eu fazia.  
Era tanta a ingratidão  
Que você não merecia.  
Muito eu te fiz chorar,



Não mereço o teu perdão,  
Tu deves me castigar  
Magoei teu coração”.

\* \* \*

Aricles França morreu muito moço.  
Deixou, porém, lindos sambas canções.  
Este, por exemplo, de parceria com Ary  
Barroso.

“Você não me faz carinho  
Agora já não me liga  
Qualquer coisa meu bemzinho  
E’ motivo para briga.  
Quando o **coronel** gemia.  
Dando tudo para mim,

[030]

A existencia me sorria  
E você não era assim.  
Não sei porque  
Você vive a zombar de mim  
Antigamente, meu bem,  
Você não era assim”...

\* \* \*

A canção tem um morto de vulto, nos últimos tempos.

Horacio Campos.

A cidade ouviu e cantou a **Voz do Violão:**

“Não queiras, meu amor, saber da magua,  
Que sinto quando a relembrar-te estou.  
Atestam-te os meus olhos rasos d’água,  
A dôr que a tua ausencia me causou”.

\* \* \*

Dos mortos do samba, porém, a maior figura é J. B. Silva (Sinhô).

Sinhô nasceu no Morro do Castelo e faleceu numa barca da Ilha do Governador.

Ele foi o creador de um ritmo proprio.

E as suas produções constituem um patrimonio precioso da musica da cidade.

[031]

Mulato disfarçado, esguio e boemio, era um

extraordinario valor.

O **Jura** foi uma consagração:

“Jura, jura,  
Pelo Senhor...”

Aquela catedral do amôr que ha no poema, é um marco de evolução.

No **Cansei**, que foi o seu ultimo samba, ele diz assim:

“Cansei, cansei,  
Cansei de te querer,  
Pois fui de plaga em plaga,  
Ao além do além  
Numa esperança vaga.  
Eu pude compreender  
Porque cansei.  
Cansei de te querer,  
Pois lá ouvi de Deus  
A sua voz dizer  
Que eu não vim ao mundo.  
Sómente com o fito de eterno sofrer”.

\* \* \*

Sómente com o fito...  
O malandro foi longe no malabarismo das  
imagens.

\* \* \*

[032]

No **Gósto que me enrósco** ele empolgou.  
A sua morte deixou um lugar vago.  
Os seus imitadores desistiram.

Só ele sabia usar o segredo da arte que  
inaugurou.

\* \* \*

Como o samba, o carnaval carioca tem um  
feição diferente de todos os carnavaes do mundo, e do  
Brasil.

\* \* \*

A sua evolução no Rio tem sido vertiginosa.

\* \* \*

Dizem os religiosos menos de alma do que de atitudes, que o carnaval é uma festa materialista, exigindo reprovação.

\* \* \*

Mas, entre uma batalha de **confetti** e um sermão do Padre Mac Dowell, ninguém discute...

\* \* \*

[033]

Chamada festa materialista, nada mais espiritual, entretanto, do que a beleza plena que se observa durante trinta dias na alegria da festa que no Rio é um esplendor.

Ficam todos, afinal, nos mezes carnavalescos, com o materialismo – o antigo sistema filosófico em que brilharam Tales, fundador da Escola Jônica no ano 559, antes de Cristo; Demócrito, Epicuro, Diderot...

\* \* \*

No Brasil, o carnaval nasceu no Rio, abafando

os de Nice e Veneza.

O primeiro prestito saiu á rua em 1786, no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, fundador do Passeio Publico.

O escultor dos carros foi o tenente agregado Antonio Francisco Soares.

\* \* \*

No ano seguinte saiu a primeira sociedade.

O Congresso das Sumidades Carnavalescas.

Em 1860 os **Tenentes** saíram pela primeira vez.

Os ultimos prestitos da monarquia, os dos **Tenentes** e **Democraticos**, faziam alusões á Abolição, mostrando, o segundo, uma figura allegorica da Republica que arrancou delirantes applausos da população.

[034]

O primeiro baile a fantasia foi realizado em 1846, no Teatro S. Januario, cujo predio ainda existe na rua D. Manoel.

\* \* \*

Na Republica, de ano para ano, o carnaval muda para melhor.

Estão desaparecendo os mascarados.

Desapareceram já o **morcêgo**, a **morte**, o **diabinho**, o **bebé chorão**, o **urso**, o **velho** e é raro o **dominó**.

\* \* \*

O carioca assim como combate a mascara sem graça, espiritualiza o entrudo, pilheria só possível na mentalidade colonial.

\* \* \*

Depois da bacia dagua, veio o limão de cheiro.

Ia melhorando.

Em seguida a bisnaga relogio, que os carnavalescos enchiam com agua florida ou da bica.

O lança-perfume, elegante e higienico, aboliu aquelas brutalidades lisboêtas, estando nos seus ultimos instantes o tróte, que na garantia das mascaras diz inconveniencias causadoras, ás vezes, de crimes de rumor.

[035]

O lança-perfume, excitante e analgesico, ajuda o fulgôr do carnaval carioca onde as mulheres de olhos de disco mostram a mascara da beleza, despidas nas fantasias coloridas e simples.

E nos vehiculos, nas praças e nos salões, vivem um mez no prologo das batalhas que tiveram sua origem nas batalhas de flôres, e que hoje não são batalhas de confetti, mas simplesmente de amôr.

\* \* \*

O samba, que não é batucada, nem chôro, nem lundú, nem cateretê, nem rumba (que é antilhana e vive tambem no Rio Grande do Sul), surge caracteristico no carnaval, ao lado das marchas que são sambas com uma ligeira modificação.

\* \* \*

O carnaval tomou a cidade.

O carnaval que teve os seus primordios na festa do boi Apis e contra o qual debalde os papas faziam, nas épocas, festas liturgicas; o carnaval que fez delirar Carlos VI na Inglaterra, assassinado num baile carnavalesco, fantasiado de urso, está hoje definido na



terra carioca, vivendo cada bairro nos seus dias de folguedo, uma apoteose de luz, de som e de côr.

\* \* \*

[035]

E os bairros procuram suplantar.  
Vila Izabel, no ultimo carnaval, cantou assim:  
“Si você quizer saber  
Eu lhe digo com prazer  
Porque é que a Vila é o melhor logar deste mundo.

E’ que as cabrochas de lá  
Sabem dar valor  
Ao amor do vagabundo...

\* \* \*

E sabem mesmo.  
O Murilo Araujo morou muito tempo na Avenida 28, e póde dizer.

\* \* \*

O carnaval do Rio venceu tudo.

O atual cardeal paulista, dr. Sebastião Leme da  
Silveira Cintra, não o combateu.

Aliás, combatel-o como no tempo das saturnaes  
e das lupercaes, já agora seria inutil.

E se igualam na sua aura gostosa: batinas, tógas,  
mendigos e generaes.

\* \* \*

Porque seria arriscada a aparição de Monsenhor

[037]

Rosalvo Costa Rego (irmão do Pedro) no pulpito, á  
hora em que a terra carioca estivesse cantando:

“O’ mulhero teu amor ô ô ô”

O povo trocaria na certa, uma bula de Pio XI  
pela melodia de Nassara.

Nem ha duvida.

\* \* \*

O clero brasileiro, que é o mais inteligente do  
mundo, deixa passar os dias delirantes, e depois então

reinicia a propaganda contra o carnaval por dever de ofício, mas muito sem animo, porque sabe que é perder tempo combater essa festa gostosa como quê.

\* \* \*

O carnaval.  
Já não ha mais os foliões de graçolas sem sal.  
Desappareceu o Amaral (**o morcêgo**).  
Aposentou-se Mauro de Almeida.  
Hoje o carnaval é alegria.  
E' luxo.  
Mulheres.  
E o samba.  
O samba dominando.  
São do Rio e invade os Estados.  
O Rio inflúe.

[038]

Foi no Rio, que se tramou a **Independencia**  
com Gonçalves Ledo.  
Foi no Rio, que se fez o **Fico** e a **Abdicação**.  
No Rio foi feita a Maioridade.  
A abolição.  
A Republica.

O Rio fez a revolta de 22, precursora da situação atual.

Martim Francisco, estadista paulistano, disse em escrito que figura no **Páginas Cariocas** de Nelson Costa:

“Ha cem anos que o brasileiro discute e o carioca decide.

Tal a longa lição dos fatos”.

\* \* \*

Como eu digo acima, Martim Francisco era paulista.

Dahi a transcrição.

\* \* \*

O carnaval atualmente não apresenta os temas endeuзadores de outros tempos, mas aparece sagrando a historia nacional.

\* \* \*

A musica dos carnavaes...

[039]

No Rio ha muitas lembranças:

“O’ abre alas!

\* \* \*

“Vem cá Mulata!”

\* \* \*

“Yáyá me deixa subir esta ladeira!”

\* \* \*

“Ai, Filomena!”

\* \* \*

“Um sou eu, o outro não sei quem é!

\* \* \*

“O’ minha Carabú!”

\* \* \*

“Olha a rolinha, sinhô, sinhô!”

\* \* \*

“Pelo telefone o chefe da policia!”

\* \* \*

[040]

“Um **b** com **a**!”

\* \* \*

“O meu boi morreu!”

\* \* \*

“A Bahia não dá mais côco!”

\* \* \*

“O’ pé de anjo!”

\* \* \*

“Nosso ranchinho assim táva bom!”

\* \* \*

“Ai seu Mé!”

\* \* \*

“Papagaio louro!”

\* \* \*

[041]

“Tatú subiu no pau!”

\* \* \*

“Essa nêga qué me dá!”

\* \* \*

“Maria... Maria Antonieta!”

\* \* \*

“Sou da fuzarca!”

\* \* \*

“Pinião... pinião... pinião...”

\* \* \*

“Peguei no fubá e o fubá caiu!”

\* \* \*

“Zizinha... Zizinha!”

\* \* \*

“A vadiagem eu deixei!”

\* \* \*

[042]

“Dá nela!”

\* \* \*



“Na pavuna!”

\* \* \*

“A lua vem surgindo côr de prata!”

\* \* \*

Ó... Ó... nós semo é memo do amô!

\* \* \*

“Com que roupa?”

\* \* \*

“O teu cabelo não néga!”

\* \* \*

“Tenha calma, Gêgê!”

\* \* \*

“Gosto de você mas não é muito!”

\* \* \*

[043]

“Foi Deus quem te fez formosa!”

\* \* \*

“Linda morena!”

\* \* \*

“Macaco olha o teu rabo!”

\* \* \*

E' carioca.  
Eles têm que respeitar!

\* \* \*

Nos folguedos de Momo que tiveram as épocas dos cordões, com os reis do diabo e o batuque do tamborim grande, de cabo como uma pá, onde o malandro batia ritmado, com uma vaqueta grande, o que se vê é a arquitetura nos prestitos em que a historia

e as paisagens brasileiras aparecem em iluminarias triunfaes.

\* \* \*

Os cordões.  
A **Lyra dos Operarios.**  
A **Rosa de Ouro.**

[044]

Os **Destemidos**  
Os **Teimosos das Chamas.**

As pastorinhas, que se transformaram em rancho e, hoje, são as escolas de samba.

\* \* \*

As pastorinhas...  
Beco João Inácio.  
Casa da Tia Sadata...  
Saiu da casa dessa tia o primeiro rancho: o **Dois de Ouros.**  
O Hilario.  
O Cleto.

O João Cancio.  
O Dudú.  
A Pedra do Sal.

\* \* \*

O passado...  
Augusto Vianna – Pae de Pixinguinha.  
Irineu de Almeida.  
Luiz de Souza:  
    “Clelia, adeus!”  
    “Adeus, minha doce Clelia, adeus”.  
E o ofeclide Gonzaga, que pagava um  
empregado para carregar-lhe o instrumento gigantesco.

[045]

Gonzaga morreu na miseria.  
Disseram que ele foi vitima de **cangerê**.

\* \* \*

As escolas de samba de hoje são organizações  
perfeitas.  
E’ rigoroso o ensino de canto e bailados.  
Tudo é feito dentro de teorias inéditas.

Ha professores que são verdadeiras revelações.

\* \* \*

O violão...

O violão, com o progresso do samba, aumentou o prestígio.

Na terra carioca o violão desde os tempos coloniais encontrou campo vasto como interprete perfeito da nossa emoção.

Oriundo da Espanha, ficou instrumento padrão do Rio.

O violão é doce.

Imita todos os instrumentos.

E' o gaturamo de madeira – lirico magico que acorda as paixões ao luar desenhista dos ermos e entenece na aristocracia morna dos salões.

\* \* \*

O violão teve o seu apogeu tocado pelo extraordinario **Quincas Laranjeiras**.

[046]

Por Jacomini (o canhoto).

Grey.

Artidoro da Costa, que morreu major do Exército.

Ernani.

E estão ahi em pleno sucesso: Brant Horta, Castro Afilhado, João Pernambuco, Rogério Guimarães, Tute, Jacy Pereira (Gorgulho), Pereira filho, Glauco Vianna, Josué de Barros, Gastão Bueno Lobo, Carlos Lentini, Ernesto dos Santos (o Donga), Miranda, Mozart Araujo, J. Medina – para só citar um punhado de **estrelas**, a serviço do samba que é daqui.

\* \* \*

O violão foi tocado por Laurindo Rabelo, que passava as noites na loja de Paula Brito, na Praça Tiradentes, onde aparecia, às vezes, Fagundes Varela, Casemiro de Abreu e um menino mascavinho, que era sineiro da igreja de São Francisco de Paula e que foi, mais tarde, Machado de Assis, cantando o poeta mulato, que se chamou popularmente o Lagartixa, um lundú que era samba e começava assim:

“Coração, porque palpitas,  
porque palpitas em vão?  
Acaso a quem tanto adoras

[047]

te despresa como ingrato?  
Coração, sê mais sensato:  
busca outro coração.”

\* \* \*

O violão tem, entre seus exímios cultores, na alta esfera do Brasil, o sr. Epitácio Pessoa, que foi presidente da República.

\* \* \*

A mentalidade retrograda que dominou o Brasil até o segundo Império, considerava o violão um instrumento degradante.

Ouve mesmo contra ele uma legislação especial.

O chefe de Polícia Vidigal, ao remeter, certa vez, a um Juiz Ouvidor desta cidade um rapaz “acusado de serenata”, assim escreveu, no respectivo ofício: “E se V. Ex. ainda tiver sombras de dúvidas quanto a conduta do réu, queira examinar-lhe as pontas dos dedos e verificará que ele toca violão”.

\* \* \*

Onde nasceu o samba?

\* \* \*

No morro...

[048]

O samba nasceu no morro.  
Veio das montanhas da cidade a sua emoção.

\* \* \*

Que é emoção?  
Sentimento misterioso, tem logo a sciencia  
atrapalhando tudo.

\* \* \*

Falar da emoção, seria entrar na complicação  
das teses.

Eu fico apenas com o vocabulo, e seu sentido  
popular.



\* \* \*

Emoção.  
Para que tentar defini-la cientificamente?  
Mais vale apreciá-la na cadência de um  
tamborim.  
E' assim que o morro faz.

\* \* \*

O odio.  
O amor.  
A tristeza.  
A saudade.

\* \* \*

[049]

Um filosofo americano, William James, e outro,  
chamado Lange, dinamarquez, (ambos em 1844)  
entraram a discutir em volumes a questão, procurando o  
**por que** das emoções.

\* \* \*

O porquê, entretanto, é um **porém**.

\* \* \*

Cientificamente, sabe-se que a musica se infiltra no organismo.

Mac Kendrick, autor inglez, demonstrou que “as raizes dos nervos auditivos se distribuem por uma extensão maior e que tem mais longas conexões” e assim se compreende, até de um modo mecanico, porque a musica se difunde e abala todo o organismo, pois não ha nenhuma função no corpo que não possa ser afetada pelas pulsações ritimicas, pelas progressões melodicadas, e pelas combinações harmonicadas dos sons musicadas”.

O fato da musica poder provocar em creanças – continúa o autor inglez, – e até em animais, o estado de verdadeira e viva emoção, se explica, sobretudo, pelas alterações que o ritmo produz na circulação”.

\* \* \*

[050]

Não me perderei no estudo da emoção.

Não temos tempo – nem eu nem o leitor.

Quero dizer apenas que na massa da cidade ela existe variada e empolgante, e que a cidade temperou a alma do morro, definindo em cada bairro as suas características, nos diversos temas dos sambas que registrei.

\* \* \*

O malandro do Estacio não tem os mesmos anseios nem as mesmas causas de magua do malandro da Favela, o qual, por sua vez, é diferente do malandro dos suburbios de S. Cristovão ou do Andaraí.

\* \* \*

O requintado de Copacabana copiou-lhe as construções simples e elegantes, precursoras dos bangalôs e cujo modelo diz ter ido buscar na America do Norte, zona que o nosso malandro nunca viu para copiar...

\* \* \*

O samba nasce no morro.

Na crista da terra enfeitada pelas arvores, e onde

ha a poesia daqueles casinholos – pedaços de táboas  
rétas, um teto de zinco orquestral nas noites de chuva;  
uma bananeira, um gato, a luz saindo pelas frinchas, e  
la dentro um violão e um amôr!

[051]

No morro vive um lirismo exclusivo, uma  
filosofia estranha, como que olhando a claridade do  
urbanismo que, afinal, olha para cima, atraído pelas  
melodias, e sobe então, para buscal-as, e trazel-as aos  
salões.

\* \* \*

Subir com os leitores os morros neste capítulo,  
seria fatigantes nesta hora veloz...  
Os morros são tantos.  
Quantos são?  
Qual é o mais alto?

\* \* \*

Para os transeuntes da Avenida, o mais alto é o  
Corcovado.  
A sua altura, de 704 metros (muito menos que

os 1.020 do Pico da Tijuca) domina urbanamente.

E até o morro do Andaraí, que é mais alto do que o Corcovado, com os seus 900 metros respeita a montanha sagrada onde pompeia o Cristo, abençoando a cidade num espasmo simbolico de luz!

\* \* \*

Falando de morros, o Pão de Assucar reclama.  
Diz que tem 385 metros, que é imponente, visto

[052]

do mar, e mais alto do que a Torre Eiffel, que um homem fez...

\* \* \*

395 o Pão de Assucar.  
O Corcovado 704...  
O Pico da Tijuca 1.020...  
A Pedra Branca, de Jacarépaguá tambem...

\* \* \*

O Pão de Assucar e o Corcovado, só porque

estão cá em baixo, já pensavam que eram mais altos...

São arreglos da visão urbana – uma especie de **grisê** mental que se opera na gente, e que o leitor, querendo, póde chamar de ilusão...

\* \* \*

Os morros.

\* \* \*

Porque citar todos os morros?

Eles ahi estão, na sua imponencia invejada, orlados de praias, forrados de asfaltos com os penachos das nuvens, ás vezes verdes, ás vezes, roxos, apontando o céu...

\* \* \*

[053]

Desde aqueles de mais de mil metros, até o do Vintem, que tem só 20, em todos eles, nas encostas ou nas grimpas, vive a poesia cujo encanto fez este livro sobre o samba que é carioca como as montanhas onde nasceu.

\* \* \*

Citei esses morros meus conhecidos e dentro de mim gritam interrogações:

– E o do Castelo?

– E o do Senado?

Esses não assistiram a vitória do gênero que tanto cultivaram – o do Senado, onde João do Rio soltou **papagaios**, o do Castelo, onde nasceu **Sinhô**...

\* \* \*

Falta aí o morro de Santo Antonio, que é samba político, cuja segunda parte Mauricio de Lacerda ainda não fez...

\* \* \*

Quem mora em arrabalde quasi nunca vae ao morro.

Espera o mulato bamba quando ele desce e vem dizer seus romances no disco ou no carnaval.

\* \* \*

[054]

O que afirmo, entretanto, com um certo orgulho nativista, é que o Rio realiza uma novidade na sua fisionomia propria que a tradição lusitana não conseguiu interromper.

\* \* \*

Muito se tem feito aqui em propaganda de um passado que não é nosso.

Felizmente a influencia européa entregou os pontos.

Acabou influenciada, ela a velha Europa, que nada mais consegue das bandas americanas do norte e do sul.

\* \* \*

O passado de outros povos não interessa ao Brasil.

Se a America do Norte cultuasse a velhice da Inglaterra e se a Argentina adubasse com o mofo espanhol, a sua civilização, esses dois paizes não se teriam imposto á admiração do mundo, creando as suas artes singulares, a sua ciencia admiravel, e, na musica,



o **fox** e o **tango** que o velho mundo zangado embora, foi obrigado a aceitar.

O Brasil de começo **rifou** logo o fado.  
Fez muito bem.

\* \* \*

[055]

Coube á minha geração romper com os dogmas do passado, abandonando, na prosa, a imbecilidade da colocação dos pronomes da moda lusa e esganando no verso o rouxinol que não é daqui.

O autor de **Canaan**, fundador da Academia, para a qual entrou sem livro, morreu dizendo que aquela instituição continuativa é uma vergonha e um crime no Brasil.

E apreciando o caso da lingua propria que falamos e escrevemos, na maioria abafadora de quarenta milhões de habitantes, ele disse escalpelando o seu gremio:

“O que se póde afirmar é que ela constringe a livre inspiração. Refreia o talento jovem, constituindo um grande mal na organização estética da nossa floresta de vocabulos, frases e idéas”.

\* \* \*

Emquanto isso foi dito por mim, nas minhas lutas de estréia, os manipanços clamavam contra o menino demolidor.

O protesto, partindo de dentro da Academia, desconcertou, emfim, os negociantes de uma fraternidade indecorosa, porque a verdade é a que disse o escritor mineiro Antonio Torres: “Brasileiros e portugueses são dois povos que se odeiam cordialmente”.

\* \* \*

[056]

Mas, prosigamos no livro.

Falemos dos parceiros do sereno.

Sem esquecer todavia o dever que temos de guerrear a tradição.

Por minha parte, com a autoridade de brasileiro nato, garanto que não quero, nem nunca quiz saber quem foi Vasco da Gama.

Eu quero saber é quem põe agua no leite...

\* \* \*

O gato.  
Se o gato fosse gente, seria Oscar Wilde...  
Displicente.  
Cético.  
Gozador.

\* \* \*

Um gato, se é angorá, gato de luxo, côr de chumbo, preto ou branco como um arminho ou um pompom; um gato, se é ordinario, parecido com uma jacutinga ou como um maracajá – um gato é sempre um boemio nostálgico e sensual...

\* \* \*

Na quentura de uma almofada de sêda; com a cabeça entre as patas de veludo róseo, ou nos telha-

[057]

dos, junto ás chaminés, em serenata á lua, o gato é a síntese da vagabundagem inteligente; o goso sem sacrificio; a vida sem os compendios da moral; o amor do proprio bem estar; a despreocupação, quanto aos

principios de gratidão e gentilezas banaes – a unha que arranha, quando o contrariam; a caricia que ele ama quando o aconchegam; o abandono do afêto, quando esse afêto importa no alienar o seu prazer.

Foi isso tudo que deu ao gato aquele cantor que foi Beaudelaire.

\* \* \*

O gato é um requintado.

E vivia tranquilo, porque não andando em bandos, nem perturbando a ordem publica, ficou livre, (ao contrario do cachorro), das leis da policia e das posturas municipaes.

\* \* \*

Epicurista; dormindo de dia e saindo de noite; andando cautelosamente pelos passeios das avenidas e praças; preferindo as alturas dos **bangalôs** e dos arranha-céos; fazendo das têlhas das casas, os recintos de seus cabarets, gatas bailarinas e gatos tenores, nos delirios mais arrepiados do amor, contra o gato só existia a raiva dos neurastenicos, dos que

[058]

se julgam lesados com o goso alheio, seja de gatos, seja de semelhantes racionaes...

\* \* \*

Mas veio o samba.  
E com o samba veio a cuica.  
E para a cuica, o malandro descobriu que o couro mais forte e mais harmonico é o do gato.

\* \* \*

Assim, são tragicas as caçadas noturnas, nos arrabaldes e nos suburbios da capital.

O malandro anda pelos telhados e côradores alçando laços de arame no enforcamento do simpatico animal.

Laçado o gato, fazem-lhe dois córtes nas patas dianteiras.

Sopram-lhes os córtes com canudos de mamoeiro.

E o gato, morto e cheio de vento fica como uma bola.

Então é só dar um talho réto da guela ao fim do ventre, e o couro sae todo.

Dentro de oito dias é uma cuica vibrando surda  
no samba de tão singular emoção.

\* \* \*

[059]

Aquele couro facilmente retirado e pôsto ao sol,  
com a cinza do fogão que foi leito amavel do animal  
encantador, continúa a nostalgia do bicho trucidado que  
vem formar na melodia dos que se divertem, liricos  
como ele, e talvez nostalgicos tambem, tirando sons da  
barrica musical, sem pensar na materia prima  
emocional, que era aquele companheiro contemplativo,  
e tambem cantor nas horas mortas, quanto o amor e o  
lunar dos **abat-jours** fazem as suas conspirações.

\* \* \*

Os **oito batutas**.

\* \* \*

Manda a justiça acentuar que a musica popular  
tomou incremento com os **oito batutas**.

Sabe-se que foi a grita quando surgiu este

conjunto nos cinemas, e como se avolumaram os combates quando os referidos brasileiros se aprestaram para uma viagem a Paris, escravos do velho sonho da Europa falida, que aliás despreza tudo quando não é de lá.

Na **Notícia**, vespertino do admirável Candido de Campos, tive ocasião de fazer a respeito, uma reportagem ilustrativa, enquanto polemistas do folego de Ricardo Pinto desciam o páu no bando mu-

[060]

sical onde se destacava Alfredo Vianna, o **Pixinguinha**, na sua flauta sem rival.

\* \* \*

**Os oito batutas.**

Ernesto dos Santos, o **Donga**.

**O China**, que cantava.

Palmieri, no violão.

Nelson Alves, no seu cavaquinho prodigioso, tocando as **gotas sonoras**.

\* \* \*

O flautista magico do **Urubu Malandro** e o autor de **Pelo Telefone**, foram lutadores incansaveis, e ai estão hoje no **Grupo da Guarda Velha**, com a cabaça, rodeada de rosarios que tem um som proprio; o omelê, especie de tom-tom japonez, e o prato e a faca, – uma faca e um prato cheio de rebarbas que faz uma harmonia especial.

A **Guarda Velha** está organizada assim: **Pixinguinha, Donga**, Walfrido Pereira da Silva, Wantuil, Luiz Americano, Oswaldo Viana, João da Bahiana e Bomfilio de Oliveira.

Dos **oito batutas** restam apenas, em pleno exito os dois primeiros, e aquele cavaquinho, os quaes não deixam morrer a lembrança do grupo que foi, ha

[061]

vinte anos, o precursor da vitoria da musica popular.

\* \* \*

Aqui está uma revelação do talento do malandro carioca.

E' do Canuto, autor do samba **Vou a Penha rasgado**.

Um jornalista perguntou ao sambista:



– Que pensa você dos falsos autores que compram sambas e dão seu nome a obras que não produziram?

Canuto respondeu:

– Dos que compram sambas eu não digo nada. Digo sobre o samba comprado: fica como um anel que tem o nome no aro: – no penhor vale menos.

\* \* \*

Um olhar para traz.

\* \* \*

O Rio antigo.

O cantor de serenatas.

Os **ternos**.

Flauta, violão e cavaquinho.

As serestas, desde Xisto Bahia.

[062]

Eduardo das Neves.

Os lundús de Satyro Bilhar...

\* \* \*

Catulo Cearense.

Geraldo Magalhães.

Catulo, Geraldo e Eduardo, são tres figuras de destaque de um grupo em que figuravam o **Cadete**, o **Nozinho**, **Mario Cavaquinho**, o **Patóla**, irmão do maestro Henrique de Mesquita, o **Calado** e outros, que nas letras, na musica e na execução de instrumentos foram fulgurações.

Pegemos um livro de Eduardo das Neves.

“Trovador da Malandragem”.

Na primeira pagina, tem este sumario: “Novas coleções de modinhas brasileiras, lundús, recitativos, monologos, cançonetas, tremeliques e choros da cidade nova. Casos passados com os mais famigerados representantes do invencivel povo da lira”.

\* \* \*

Esses casos passados são tudo.

\* \* \*

Eduardo das Neves, caracterizou a sua poesia com o tom de patriotismo que lhe valeu a imortalidade, ficando como um refrão nacional os dois

[063]

primeiros versos da canção intitulada “A conquista do ar”, –

“A Europa curvou-se ante o Brasil  
E clamou parabens em meigo tom.  
Brilhou lá no céu mais uma estrela.  
Apareceu Santos Dumont”.

\* \* \*

A Musa popular, hoje, não toma conhecimento  
dos homens publicos para elogiar.  
Desconfia dos heróis.

\* \* \*

Não houve um samba de homenagem aos vultos  
das ultimas revoluções.

Sabe-se, entretanto, da ação da policia, coibindo  
a circulação de produções, onde o malandro desabafa a  
sua descrença, ou fixa a sua ironia em sambas assim:

“Brasil, o rei Momo desta vez é quem manda per-

(guntar  
Onde estão as fantasias de ouro e pedrarias  
Que fizeram p'ra te dar?"

\* \* \*

No Brasil, os ultimos homens que receberam

[064]

expontaneamente a gratuita homenagem da musa das ruas, foram Rodrigues Alves, Pereira Passos e Oswaldo Cruz.

Tambem os poetas da Arabia guardaram mudamente suas liras depois da morte do profeta Mahomet...

\* \* \*

Os poetas musicas da calçada, que cantaram o "13 de Maio", o "15 de Novembro" e o "6 de Setembro de 93", exaltaram, depois, aqueles transformadores, ficaram desiludidos de vez, no governo do Marechal Hermes.

Agora só sabem zombar.

São indiferentes aos que morrem por interesse

ou imbecilidade.

São inteligentes, imaginosos e irradiantes dentro de uma nova concepção.

\* \* \*

Catulo Cearense, que espantou João do Rio cantando uma quadrilha inteira, teve sua época rumorosa, quando fazia os versos nas musicas de Anacleto.

Já naquele tempo seu éstro era rebuscado, no molde dessa literatura Sloper, que tem feito tanta gloria passageira como o brilho daquelas joias falsas, mas deslumbrantes na sua sedução.

No prefacio de um de seus livros, o autor do **Talento e Formosura**, diz assim:

[065]

“Para assimilar e interpretar os mais delicados melindres do amor, os mais reconditos segredos do eterno sofrimento...”

E vae assim, periodos seguidos, retorcido e bombastico, falando no “Enxame da saudade que volita no flórido jardim da imaginação”.

\* \* \*

Abandonando a modinha vencida pelo **fox**, que acabou derrotado pelo samba, Catulo acentuadamente nordestino, dedicou-se á poesia sertaneja, não conseguindo tomar o bonde das novas produções.

\* \* \*

Não se póde negar, entretanto, que ao autor da **Lira dos salões**, muito devem a modinha e o violão.

\* \* \*

O passado.  
Folhemos uma coletanea de outros tempos:

\* \* \*

“A primavera é uma estação florida”.

\* \* \*

[066]

“Talvez não creias que por ti sou louco”.

\* \* \*

“Chiquinha, si eu te pedisse.”

\* \* \*

“Sempre te amando, desprezando as outras...”

\* \* \*

“Vamos Eugenia fugindo.”

\* \* \*

“Na hora em que se cúbre de neve a serraia.”

\* \* \*

“Que porte, que sina cruel é meu fado.”

\* \* \*

“Ursulina, no céo, a lua desmaia.”

\* \* \*

“Nasci para te amar, sorte ferina.”

\* \* \*

[067]

“Perdão, Emilia.”

\* \* \*

“Cinco de Novembro, a data fatal.”

\* \* \*

“Tenho saudades de Maura.”

\* \* \*

“Eu tenho uma namorada.”

\* \* \*

“Borboleta, meus encantos...”

\* \* \*



“Cantor de serenatas, se me chamam..

\* \* \*

“Não és tu quem eu amo, não és.”

\* \* \*

“Ai, Maria!”

\* \* \*

[068]

“O’ palida madona de meus sonhos.”

\* \* \*

“Mostraram-me um dia.”

\* \* \*

“Os olhos castanhos são lindos, serenos.”

\* \* \*

“Felicina, tu mataste toda a crença.”

\* \* \*

“Perdão, Senhor meu Deus, minha alma sente.”

\* \* \*

“Virgem bela, da-me um beijo.”

\* \* \*

“Si não me amas, oh! mulher, para que me prendes!”

\* \* \*

“Sonhei contigo donzela.”

\* \* \*

[069]

“Não ha, ó gente, ó não...”

\* \* \*

“Vem ver, Eliza, como surge a lua”.

\* \* \*

“O buraco do Rezende.”

\* \* \*

“De ciumes, meu Deus, eu sei que morro”.

\* \* \*

“Gosto de ti porque gosto.”

\* \* \*

“Quizera amar-te.”

\* \* \*

“Bem sei que tu me desprezas.”

\* \* \*

“Queres, meu bem, ir lá fóra?”

\* \* \*

[070]

“A brisa que murmura nas palmeiras.”

\* \* \*

“Pelo buraco.”

\* \* \*

“Talvez te escreva.”

\* \* \*

“Olá, seu Nicoláu, quer mingáu?”

\* \* \*

“Na casa branca da serra”, que sagrou o autor da letra, Guimarães Passos, tendo se esquecido Miguel Emidio Pestana, que a musicou.

\* \* \*

E por fim, lembremos aquela emocional **Stela**  
de Ademar Tavares:

“A noite o plenilunio é como um sonho...”

\* \* \*

Não saiam do lirismo.  
O samba é mais plastico.

[071]

E’ filosofico, trocista, amoroso, familiar,  
pedagogico, cientifico, estatistico, juridico, vingativo,  
generoso, aclamador, ironico e sentimental.

\* \* \*

Geraldo Magalhães tentou com algum exito a  
cançonêta.

Genero parisiense, viveu nos tablados do  
Passeio Publico e do Parque Fluminense.

Geraldo, estilo europeu, foi para Lisboa.

Voltou ao Brasil mais tarde, com uma  
portuguesa gorda.

Seus duetos desagradaram.  
Desapareceu.

\* \* \*

O cantor das modinhas, como bem observou o autor da **Alma encantadora das ruas**, antigamente bebia para cantar.

Hoje canta para beber.  
Porque cantar hoje não é vagabundagem.  
E' profissão.

\* \* \*

O Rio antigo, das serestas em que os ternos cruzavam as ruas, nas horas mortas, e onde, ás vezes, o violão virava colarinho enfiado pela cabeça dos ad-

[072]

versarios, apresentava, nos cantores, um torneio de voz.

Era a influencia da ópera que conta hoje poucos adeptos, se atentarmos no volume da nossa população.

Antigamente o melhor cantor era o que gritava mais.

A serenata estacionava numa esquina, em tórno

a um combustor de gaz, de chama amarelada e trêmula, e, quanto mais se demorava no agudo a tensão das veias do cantor, maior era o entusiasmo das janelas que se abriam, e nas quaes surgiam, ao lado das liricas de trança e de papelotes, os paes austeros e as matronas obesas, de matinée, porque gordura foi beleza nos tempos que estou a evocar.

Quando a serenata deixou a rua, surgiu Mario Pinheiro, uma grande voz de tenor dramático, que acabou baixo-profundo nos palcos de Milão.

\* \* \*

Mario Pinheiro encheu uma época.

Quando ele abandonou os discos, houve um estacionamento.

A modinha fazia sua evolução.

Perdia o seu tom de **romanza** que se definia, empolgando nos palcos, na dolencia que a rua não ouve mais.

\* \* \*

[073]

Veio, então, Vicente Celestino:

“Ó, eu recordo-me ainda desse fatal dia  
em que, disseste sorrindo,  
indiferente e fria:  
eis do meu romance o fim, amor:  
vai, afasta-te de mim ó flor.  
Alma hipócrita, fingida, coração!”

Nesse alma **hipócrita, fingida**, que aliás é a mesma coisa, ele dava um agudo assustador.

Fez um público regular, que não se renovou, ao passa que a alma carioca foi tomando seu feitio próprio, amando a dolência das doces vozes, e o embalo das músicas ondulantes, os sambas de **batida** ou os sambas-canções onde se sente uma alma nossa:

O **Rancho fundo** ou o **Faceira**, para só citar dois.

\* \* \*

Aquele sistema de canto em que a garganta era um instrumento em competição com os outros, lutando as cordas vocais para vencer as cordas de aço dos violões, dos pianos, e os sons estridentes dos pistões e dos trombones das orquestras nervosas, dava em resultado os cantores engulirem as letras dos poemas.



Assim, o povo gastava meses e meses para decorar uma modinha, e por essa razão de comodidade as modinhas duravam anos e anos.

[074]

Mario Pinheiro foi o primeiro cantor popular que principiou a dizer, embora sem perfeição, os versos que cantava.

Dahi o seu sucesso.

Até então o essencial era dilatar as arterias e gritar.

Os ouvintes apanhavam algumas palavras.

O resto adivinhavam.

Garantiam a musica no ouvido e pediam copia do berreiro para estudar.

\* \* \*

A opera – absurdo italiano, interrompeu muito tempo a personalidade musical do Brasil.

A luta do brasileiro para se definir em povo autonomo, desde o esquartejamento de Tiradentes, tem sido cruel.

A opera é uma maluquice.

Na opera a garganta ou arrebenta, ou vence os

fagótes, os obóes, as requintas e os bombos de trovão.

Os tenores, os baritonos, os baixos como as sopranos e as contraltos são criaturas que uivam furiosamente, e só não fazem isto: cantar.

Os homens atordoam.

As mulheres, como nos ataques de histerismo, assustam as platéas teatrais.

Dahi a explicação do Municipal sempre fechado.

[075]

Porque só vão á opera aqueles em cuja alma ainda não chegou o decreto da princeza Isabel.

A platéa do Municipal não vai ao teatro pela arte que não sente nem entende.

Vai lá para mostrar vestidos.

É uma questão pessoal com a vizinha do lado...

\* \* \*

Os cantores de hoje não acordam ninguém.

Embalam o sono.

São as “vozes veladas, veludasas vozes” de que nos fala o autor dos **Broquéis**.

\* \* \*

Os ouvintes de radio querem apreciar a melodia  
e entender as estrofes.

Os versos hoje não são vagas rimas.

São palavras que contam sempre um romance..

E quem escuta essas revelações das almas,  
diminui o volume de som do aparelho e quasi  
adormece num esmorzando samba canção...

\* \* \*

Francisco Alves.

\* \* \*

[076]

Francisco Alves.

Nasceu na rua da Prainha.

A sua infancia variou, entre o morro da  
Mangueira e o bairro de Vila Izabel.

Não ha exagero em dizer que Francisco Alves é  
o maior cantor do Brasil.

Olha-se para o passado, escuta-se os discos  
antigos, e o que se sente é que Francisco Alves é o dono

de uma voz que vai morrer com ele, porque não ha folego, não ha escola, não ha estudo que dê aquele fôrro de veludo existente na garganta do cantor do **Meu companheiro**, da **Deusa**, da **Lua Nova** e da **Voz do Violão**.

\* \* \*

Francisco Alves veio enviado pelo destino na hora certa para vibrar e dominar um momento historico da vida da cidade, esta grande hora em que nos definimos, estadeando esse espetáculo suntuoso das melodias, no qual de cada quadrado de janela sái um pedaço de samba-canção, na boca de uma mulher elegante que verifica no espelho as ondas artificiaes do cabelo; no canto da creada vagarosa que bate um tapete; na creança despreocupada que já nasceu musical.

\* \* \*

Sem Francisco Alves, forçoso é dizer, a nossa canção e as musicas que adotamos, dando cores nos-

[077]

sas, não teriam este esplendor artístico porque teria faltado o cantor completo na interpretação e na voz de uma doçura que maravilha, pois, quando ele abre a boca, a alma carioca sáe pela sua boca como um delirio, como um narcotico, uma voz que tem cristaes e nuances de ocarina; um gorjeio humano, impressionante e comovedor.

\* \* \*

Desde menino ele se revelou o sabiá urbano que é – jogando futebol no **Tupy** do Mangueira, trocando uma bicicleta por um violão...

Quando pisou no palco, dominou logo.

E desde então a sua gloria tem sido sempre em ascensão – gloria justa que lhe vem do aplauso do publico, o unico que se deve acatar.

\* \* \*

Discutido, combatido, imitado, porque fez escola, tema eterno de todos os debates do meio em que se agita, a prova do seu merito é exatamente esse murmúrio que lhe cérca a personalidade singular.

Coloca-lo nesta altura não é um favor.

É o reconhecimento de um direito.

E este volume é um resumo de observações onde a camaradagem ficou de lado, deixando livre curso ao registro sincero que eu quiz fazer.

\* \* \*

[078]

Francisco Alves.

O seu nome marca uma fase e abre um caminho de sol.

\* \* \*

Entre as mulheres salta em primeiro lugar Aracy Côrtes.

\* \* \*

A mulher carioca, a beleza e a graça que viveram no pavor monástico dos lares de então, é hoje a grande alma do samba, em que aparece com as suas ternuras, com as suas falsidades graciosas; com a sua volubilidade que mais prende, representada, em disco, por uma filha da rua do Matoso.

Aracy.

\* \* \*

Zilda de Carvalho Espindola, a morena dulçurosa que nos palcos é Aracy Côrtes, não tem, no momento, na interpretação do samba, concorrente que se lhe possa igualar.

Com a suavidade da sua voz, com o seu tempero de mel e ametista, está isolada na sua fulguração.

\* \* \*

Veio de um circo.

Do circo, esse cartucho de lóna que tem a alegria dentro...

[079]

Do circo de arrabalde, o maior encanto teatral, a mais legitima manifestação da arte de representar – a mais simples, a mais evocadora, a mais sincera, a mais empolgante, a mais sensacional.

\* \* \*

O circo.

Arquibancadas.

Um palhaço, que é quasi sempre uma desgraça colorida.

Um trapésio, que é a vida com uma mulher doirada em cima.

Cachorros calculistas.

Gatos que se acamaradam com os cachorros para ganhar a vida; este, um ôsso – aquele, uma pósta de peixe que o dono do circo talvez lhê dê.

\* \* \*

Uma charanga anonima, de homens a paisana, vestindo ternos diferentes – e a platéia simples do arrabalde ou do suburbio, arrastando creanças e sorrisos para a conquista de logares nos poleiros de páu, de onde assistem o gargalhar e o cabriolar dos saltimbancos que fazem da alegria a alegria do ganha pão...

\* \* \*

Foi de um circo que veio Aracy.  
Não veio por favor.

[080]



E chegando aos palcos dos teatros “leaders”,  
logo venceu.

Por ela têm passado varios grupos.

Em torno dela se têm travado debates.

A ela muitas outras têm procurado imitar.

E ela a tudo tem resistido, detentora de uma  
gloria legitima, conquistada pelo seu valor tão singular.

\* \* \*

Mario Reis.

No samba é um creador.

A sua elegancia, a sua distinção pessoal obrigou  
Botafogo a confesar que a sua emoção é igual á do  
morro.

\* \* \*

A chamada elite social, mestiça de todas as  
raças, vivia no sacrificio de amar o samba sem poder  
gosa-lo.

\* \* \*

A alta sociedade era uma grande dama apaixonada pelo seu creado esbelto, o qual, para poder ser apresentado nos grandes salões, precisava sómente de roupa nova e loção no cabelo.

\* \* \*

[081]

Mario Reis, que é um estéta sincero no seu temperamento de artista, rompeu com as convenções.

Nascido na rua Affonso Penna, claro de olhos côr de mel, Mario Reis apurou os dotes físicos no requinte que não escandaliza mas impressiona, quer aparecendo na displicencia veranista de um costume de palha de sêda, quer surgindo na sobriedade de um “smoking” reverencial.

Cantando o samba numa blandicia que fez escola, e na perfeição de uma pronuncia clara e enternecedora, seu vulto é destacado e admirado mesmo por aqueles que sem querer influenciou.

\* \* \*

Mario Reis foi buscar o samba nos desvãos soturnos do **Buraco Quente**, e da **Pedra do Sal**, para

os ambientes da aristocracia, onde se cruzam, num transitio magico, a imponencia heraldica das ricas e o deslumbramento primaveril das garotas, na confusão de faianças e almofadas de penas de avestruz...

\* \* \*

Ele pegou a cabrocha de galho de arruda atrás da orelha, e o mulato bamba, elevando-os, perfumando-os com as essencias da sua intimidade; pedindo licença e entrando com eles nos grandes palcos do mundanismo, dignificando-os, exaltando-os, consagrando-os, salvando-os de um desprezo injus-

[082]

to, e immortalizando-os no sucesso das edições, hoje obrigatorias, nas quaes o samba tem as palmas justas que a sua emoção reclama de todos os corações.

\* \* \*

Mario Reis querido da cidade, forma com Francisco Alves e Aracy Côrtes o triangulo de ouro do genero musical cuja vitoria deu motivo a este livro consagrador.

\* \* \*

Noel Rosa.

Noel aparece em relevo no momento pela originalidade do que faz.

Nascido na rua Maxwel, na Aldeia Campista, onde eu nasci também, a sua estréia foi o samba **Eu Vou Pra Vila**, suprimindo assim do local o nome da esposa do conde d'Eu.

\* \* \*

Noel produz muito.

Mas tudo que ele faz é bom.

Os motivos da correspondência epistolar; os defeitos, os tiques como no **Gago Apaixonado**; as definições científicas; os termos jurídicos e comerciais como no **Leilão**, surgem nos seus poemas de chefe de escola.

E' completo.

[083]

**Prazer em conhece-lo** é um samba seu de alto mérito.

**A Mentira tão necessaria** mereceu de Noel Rosa um lindo samba-canção.

\* \* \*

A Mentira.

Todas a combatem usando e abusando dela.

Nada mais util, entretanto, nem mais logico, do que a mentira, virtude aplicada pela primeira vez por Jesus.

\* \* \*

No evangelho de S. João, cap. VII, ha este trecho: “Estava, porém, a chegar a festa dos judeus chamada dos Tabernaculos. Disseram-lhe pois seus irmãos: Sái daqui e vai para Judéa, para que tambem teus discipulos vejam as obras que fazes. Pois ninguem que deseja ser conhecido em publico, faz alguma coisa em segredo. Já que fazes estas coisas, descobre-te ao mundo”.

Jesus respondeu:

“Ainda não é chegado o meu tempo. Ide vós a essa festa, que eu todavia **não irei** a esta festa.”

E deixou-se ficar na Galiléa.

Mas quando seus apóstolos já tinham sahido,

então Jesus foi á festa, não descobertamente, mas em segredo”.

\* \* \*

[084]

O Rabino mentiu.  
S. João acentua e defende.  
A mentira está absolvida.  
Noel está com a razão.

\* \* \*

S. Tomás, Santo Agostinho, e varios outros não querem que se minta nunca.

Innocencio XI fez condenar até as restrições mentaes.

(Examen raisonné ou decision theologique sur le peché des diverses profession de la societé, par un ancien professeur de theologie de la Societé de Saint Sulpici. Vol II, pag. 41).

\* \* \*

O samba mentir é assim :

“Mentir, mentir, somente pra esconder  
a magua que ninguém deve saber.  
Mentir, mentir, em vez de demonstrar  
a nossa dor num gesto ou num olhar.  
Saber mentir, é prova de nobreza  
pra não ferir alguém com a franqueza.  
Mentira não é crime e é bem sublime o  
que se diz  
mentindo para fazer alguém feliz.

[085]

E’ com mentira que a gente se sente mais  
contente  
Por não pensar na verdade.  
O proprio mundo nos mente, e ensina  
a mentir.  
chorando ou rindo sem ter vontade.

E se não fosse a mentira ninguém mais  
viveria.  
por não poder ser feliz,  
e os homens contra as mulheres, na terra  
então viveriam em guerra,  
pois no campo do amor a mulher que

não mente  
não tem valor...”

\* \* \*

Sabe-se qual é o fraco de um português.  
A razão de ser dos patricios de Camões são estas  
coisas: um pratarraz de bacalháu, um caneco de vinho;  
uma mulata e o Vasco.

Noel, no seu samba **Quem dá mais**, resalta essa  
predileção:

“Quem dá mais  
por uma mulher que é diplomada  
em materia de samba e de batucada  
com as qualidades de moça formosa  
fiteira e vaidosa  
e muito mentirosa?

[086]

200 mil réis, 500 mil réis, 1 conto de réis...  
Ninguem dá mais?  
O Vasco paga o lote na batata,  
e em vez de barata,  
oferece ao Russinho uma mulata...”



\* \* \*

A obra do autor de **Com que Roupa** é vastíssima.

Ele mesmo ainda não levantou uma estatística dos sambas que tem feito.

Avulta: **O mulato bamba, Vitoria, Até amanhã, se Deus quizer, Araruta, Habeas-corporis e Positivismo**, esses tres de parceria comigo; **O meu barracão, Quando o samba acabou**, e este **Filosofia**, original:

“O mundo me condena  
e ninguém tem pena,  
falando sempre mal do meu nome,  
deixando de saber  
se eu vou morrer de sede  
ou se eu vou morrer de fome.  
Mas a filosofia  
hoje me auxilia  
a viver indiferente, assim,  
nesta prontidão sem fim,  
vou fingindo que sou rico  
pra ninguém zombar de mim.  
Não me incomode que você me diga

Que a sociedade é minha inimiga,

[087]

pois, cantando, neste mundo,  
vivo escravo do meu samba,  
muito embora vagabundo...  
Quanto a você, da aristocracia,  
que tem dinheiro  
mas não compra alegria,  
has de viver eternamente,  
sendo escrava dessa gente  
que cultiva a hipocrisia..."

\* \* \*

Um samba de Noel que é uma pagina da vida:

"Naquele tempo em que você era pobre,  
eu vivia como um nobre,  
a gastar meu vil metal...  
E por minha vontade,  
você foi para cidade,  
esquecer a solidão  
e a miseria daquele barracão.  
Tudo passou tão depressa..."

Fiquei sem nada de meu...  
e esquecendo a promessa,  
você me esqueceu e  
partiu com o primeiro que apareceu,  
não querendo ser pobre como eu...  
E hoje em dia, quando por mim você  
passa,

[088]

bebo mais uma cachaça  
com meu ultimo tostão...  
Para esquecer a desgraça,  
tiro mais uma fumaça  
de um cigarro que filei  
de um ex-amigo que outr'ora  
sustentei..."

\* \* \*

E' dele aquele samba consagrador do andar do  
carioca.

"Estamos esperando.  
Vem logo escutar  
O samba que fizemos pra te dar.

A rua adormeceu, e nós vamos cantar  
aquilo que é só teu  
e que nos faz penar.  
Da sua voz eu fiz a melodia.  
A harmonia, eu tirei do seu olhar.  
Estava já perdendo a paciência  
quando roubei a cadência.  
do seu modo de pisar.

\* \* \*

Vê-se que ele fez o samba olhando para os pés  
das criaturas de Vila Izabel.

Cantar os pés.  
É prosaico?

[089]

Os pés grandes das francezas mereceram  
poemas dos mais celebres cantores patricios do Racine.

E o nosso patriarca José Bonifacio cantou os pés  
da sua amada, com o mesmo ardor com que pregou a  
Independencia do Brasil.

Goethe, falando da sua Carlota, disse que “o seu  
maior desejo era reproduzir o ritual dos Sarmatas  
transformando em taça o sapato do seu amor”.

\* \* \*

Este samba é uma maravilha de talento e de nacionalismo.

“O cinema falado  
é o grande culpado da transformação.  
Dessa gente que pensa  
que um barracão  
Prende mais que um xadrez.  
Lá no morro  
si eu fizer uma falseta  
a Risoleta.  
Desiste logo do francez  
e do inglez.  
A giria que o nosso morro criou,  
Bem cedo a cidade aceitou e usou.  
Depois o malandro deixou de sambar  
dando pinóte  
na gafieira a dansar  
o fox tróte.

[090]

Essa gente hoje em dia

que tem a mania  
da exibição  
Não se lembra que o samba  
não tem tradução  
no idioma francez  
Tudo aquilo  
que o malandro pronuncia  
com voz macia.  
E' brasileiro:  
Já passou de portuguez...  
Amor lá no morro é amor pra xuxú.  
E as rimas do samba não são **I love you**.  
E esse negocio de alô,  
alô boy, alô Jone,  
Só pode ser conversa de telefone...

\* \* \*

Noel Rosa.  
Figura de relevo.  
Só ele daria um curioso livro de análise do  
samba e de uma personalidade singular.

\* \* \*

Os cantores.

Fujamos um pouco dos poetas do samba nesta reportagem ligeira para falar dos que interpretam os poemas na beleza da voz.

Jonjoca.

Castro Barbosa.

Galhardo.

João Petra de Barros.

São quatro acusados.

O primeiro de copiador de Mario Reis.

Os outros de carbono de Francisco Alves.

\* \* \*

Para mim o que motiva a guerra contra Jonjóca e Castro Barbosa não é bem o canto deles, mas o conhecimento pessoal que eles têm com o chuveiro...

\* \* \*

Porque a acusação de plágio não procede.

Virgílio foi grande escritor?

Num côro, todos dirão que sim.

Entretanto, o autor das **Bucólicas**, das **Georgicas** e da **Eneida** fez apenas isto:

Plagiou Teócrito.

Plagiou Homero.

E foi maior que os dois.  
Virgilio não plagiou sómente as idéas.  
Plagiou o estilo dos outros.  
Isso, por si só, absolve os seguidores que  
surpreendemos nas artes.

\* \* \*

[092]

Quando algum amigo, desses dedicados que cortam pedaços de jornal contra a gente, corre a mostrar-me um escrito no meu estilo, não me irrita.

Ao contrario, fico alegre, vendo no confrade, se é meu contemporaneo, um convertido á minha forma, e se é moderno, verifico que não perdi tempo: que dei no côro...

Tive o prazer de ver sumir no esquecimento, ou ingressar de vez no ridiculo, todos aqueles que me combateram.

E a minha vitoria, como chefe de escola, não é minha: é a vitoria da sinceridade porque eu nunca fardei a alma para pegar na pena – sempre escrevi naturalmente como penso e falo, sem artificios e sem bobagens gramaticaes.

E' certo que para chegar a este conforto que é o



aplauso publico, lutei muito, sitiado pelas nulidades de dentro e de fóra da Academia.

Mas gosei, afinal, vendo livros deles empilhados nos **sebos**, enquanto o publico esgotava os meus, fazendo justiça espontanea a um legitimo e despretencioso escritor.

Isso poderia fazer de mim um presumido.

Não tendo plagiado ninguem, poderia vir aqui atacar o plagio.

Mas o plagio que anda ahi não é plagio: é influencia.

\* \* \*

[093]

Aquele Virgilio citado, que surgiu poeta em Napoles e foi principe mais tarde em Roma, na intimidade de Augusto e de Mecenas, fez o alto plagio: seguiu, melhorou, ampliou a forma e as idéas dos vultos preferidos do sabor popular.

\* \* \*

Porque não basta ser original.  
O essencial é agradar.

Virgilio – e digo Virgilio pelo tamanho que ele tem na literatura – não plagiou só aqueles dois: passou a unha, também, na obra de Hesíodo e de Lucrecio.

Um dia encontraram Virgilio com um livro de Ennio e lhe indagaram porque carregava a obra.

Virgilio respondeu:

– **Colligo, aureum, de estercore eni.**

\* \* \*

De fáto.

Transformava em ouro os carvões daquele autor.

\* \* \*

Camões plagiou Garcilasso, Ovidio e Petrarca.

E querem até que ele seja um genio da raça luza, igual ao Dante, que é genio porque é creador...

A posse da idéa de outro, em forma original, não é furto.

[094]

O aproveitamento de um estilo em moda também não é caso de Diretoria de Investigações.

Plagio é a copia servil.

Mais recentemente Anatole France é um dos grandes casos de plagio a apontar.

O autor de **Petit Pierre** não fez outra coisa se não assimilar, imitar e trasladar.

E fazia isso conscientemente, defendendo o seu modo de proceder.

Lá está na sua **Apologie pour le plagiat**.

E' interessante o que ele disse brilhantemente sobre a questão.

Disse, entre outras coisas, que é honesto o escritor que sabe escolher dos outros o que é brilhante, abrilhantando mais...

E defendendo Alfonse Daudet, acusado por Maurice Montegu, o autor do **Crime de Silvestre Bonnard**, disse que “as situações não são de quem as creou, mas daquele que mais fortemente as fixou na memoria dos homens”.

\* \* \*

Molière **bancou** a abelha: pegou as idéas de todo mundo e as vestiu de novas expressões.

Não acho um crime a imitação de uma forma, quando ela é do gosto popular.

Cantores de valor como Castro Barbosa, Galhardo e João Petra de Barros, este ultimo dia a dia

subindo mais, não têm culpa do timbre de voz que

[095]

a natureza lhes deu semelhante ao do sabiá urbano que é o encanto da população.

No caso a acusação só caberia quanto ao modo de cantar.

Mas é preciso honestamente não esquecer que esses cantores desabracharam no pleno domínio de Francisco Alves, creador de uma interpretação especial e oportuna, fazendo no canto da cidade uma revolução.

Na literatura houve o domínio dos românticos.

Dos simbolistas.

De tantas escolas.

Ninguém vae dizer que as gerações de grandes vultos influenciados daqueles tempos, foram figuras desprezíveis.

Não tendo escutado, e portanto não tendo sentido na idade de cêra em que se modelam os temperamentos, o canto dramático da gritaria da ópera de que Vicente Celestino é o último representante, esses cantores referidos foram arrastados inconscientemente á uma prática que só cessará quando surgir um novo creador no genero, e cuja nova escola consiga o aplauso do publico, que é a única sagração.

\* \* \*

O samba tem na cidade do seu berço o concurso encantador das mulheres.

Um grupo de cantoras ahi está no delirio das irradiações e nos discos.

[096]

Na hora vertiginosa, o canto suave é um consolo – uma espécie de bonificação do destino para as almas atormentadas no momento em que, como dizia o autor do **Sezano**, “os homens cruzam olhares como quem cruza espadas”.

\* \* \*

A gente olha um relógio.

Olha os ponteiros abertos no mostrador como os braços esguios de Zaira Cavalcanti chamando a gente, com pressa, para o amor...

A hora é veloz...

\* \* \*

As cantoras.

E' Gesy Barbosa, uma fisionomia macerada, com os olhos esquecidos no rosto triangular, e a dição perfeita, tirando efeitos originaes, falando dentro da musica, preferindo as canções de emoção e pensamento – a ultima romantica num raro grupo que resiste na ultima trincheira da valsa que é a musicalidade da carta de amor, enquanto o samba fala mais claro, diz um segredo afetivo e quer materializar logo a emoção..

\* \* \*

Desse grupo é Alda Verona.

E' Sonia Barreto.

[097]

Já mais do tempo são: Zezé Fonsêca, Elsa Cabral, e Madelu de Assis, esta uma primavera de carne nos studios, fazendo os pianistas errarem com a sua presença, deixando o microfone intoxicado pelo perfume da sua boca de morango orlada de tinta e de perolas, como um **reclame** odontologica de Simões de Oliveira...

\* \* \*

É aquela Zaira Cavalcante, um bago de jaca, doce e moreno, tipo de ave pinalta, com o olhar de corça mansa – toxico cantando, e fazendo morrer as palavras na pronuncia esfumada onde os vocabulos saem cerrados e arrastados como ébrios, cambaleantes, para enlouquecer:

“São as mulheres raizes  
ou frondes muito elevadas.  
Umás são sempre felizes,  
outras as mais desgraçadas”.

\* \* \*

E’ Elisa Coelho, creadora de um cantar todo seu.  
É Stefania de Macedo, que conservou o regionalismo nordestino de pequeno ambiente aqui.  
E’ Aurora Miranda, simples, mas brilhante.

[098]

E’ Ruth Franklin, Eunice Ferreira, Carmen Machado, Celia Mendes, que promete.  
E’ Yolanda Visconti.  
É Zaira de Oliveira Santos bem do grupo néo-

classico, forçando por não transigir com o tom popular.

\* \* \*

Não se pôde esquecer Otilia Amorim, a precursora do samba no palco:

“Bolinhos de tapioca palmeados  
Cocada puxa, para animar os corações.  
E até o travesseiro do soldado.  
teve também preço aumentado:  
custa agora dois tostões”.

\* \* \*

Isto era um samba de Sá Pereira, talento do “time” de Augusto Vasseur.

\* \* \*

Quando a R. C. A. Victor, com o objetivo de agradar a colônia portuguesa, não satisfeita com as cores que inaugurou no Brasil – verde e encarnado (que é uma espécie de esquisitice nos códigos de transporte, posto que o verde é para avançar, o encarnado para parar e as duas assim juntas deixam estacionado um



[099]

veículo ou uma nação); quando a R. C. A. Victor, dizia eu, para agradar a colônia portuguesa, publicou, num dos seus suplementos, a nacionalidade luzitana de Carmen Miranda, houve um choque de tristeza entre os apreciadores dessa cantora de valor.

Tão carioca na sua pronúncia meiga e brejeira; tão viva e tão própria no seu grande sucesso de **Tá hi**, não passava pela cabeça de ninguém que Carmen Miranda tivesse nascido em Portugal, porque Portugal não nos envia sensações.

Tudo quanto nos vem de lá é chilro, anêmico e cacheiral.

Embora ela de portuguesa só tenha o fato do nascimento, tão perversa reclame arrefeceu o entusiasmo que lhe fazia uma escolta de rumor.

\* \* \*

Mas não deve ser considerada absurda a inclusão de Carmen Miranda nesta coletânea, porque ela, em verdade, é uma autêntica figura do meio, do meio que lhe absorveu, do ambiente que a plasmou dando-nos mais um exemplo da força trituradora do Rio

que refina, como num usina, os elementos aportados ao nosso torrão.

E considerando Carmen Miranda uma sambista carioca, tal o seu prodígio de adaptação, justo é destaca-la, sem favor.

\* \* \*

[100]

**Ta hi** foi uma revelação.

E sempre pessoal, ela veio até o último carnaval onde em sambas como o **Chegou Yayá** ha **bréques** e truques que são positivamente de Aracy.

\* \* \*

Dona de um género próprio, com nuances de voz e piegas exclusivamente suas, Carmen Miranda parece querer fugir do seu eu para invadir outro setor que já tem gente de guarnição.

E o seu abuso da popularidade já chegou ao ponto de gravar um anúncio de cigarros e o de uma empresa.

\* \* \*

O samba entretanto muito deve a Carmen Miranda.

O disco teve nela uma figura marcante.

E a melhor prova do seu valor é o numero de Carmen Miranda que a gente encontra por ahi.

\* \* \*

Os fatos do mundo, os fatos da justiça, tudo no samba hoje aparece mostrando como ele é plastico e extraordinariamente empolgante na revelação de tudo quanto ha.

\* \* \*

[101]

Um samba em latim:

“E’s francamente da gandaia,  
mas aqui nao ficarás de modo algum.  
Não chora, não simula, não desmaia,  
que eu sei que tu não gostas só de um.  
Vae. Segue o teu destino  
tão negro como igual eu não vi nenhum,

ouvindo este proverbio latino.

**Revertere ad locum tum.**

Não acredito em tuas juras,  
e o fato **consumatum est**,  
ainda que voltasses, perjura,  
jurando pelas taboas de Moysés,  
eu te diria que não.

Segue o teu destino,  
dando os teus fricotes,  
que eu direi eternamente:

**Códe natura date, nemo negare potes”**

\* \* \*

O malandro conhece de ouvido o proverbio e a sua tradução.

Aplicou-a com segurança.

Mas precisava daquele **potes**, e não teve duvidas...

\* \* \*

O fôro.

Está aqui o samba **habeas-corporis**.

[102]

Parece escrito por Astolfo Rezende:

No tribunal da minha consciencia,  
o teu crime não tem apelação.  
Debalde tu alegas inocencia,  
mas não mereces absolvição.  
Os autos do processo da agonia  
que me causaste em troco ao bem que eu fiz,  
chegaram lá daquela Pretoria  
na qual o coração foi o juiz.  
Tu tens as agravantes da surpresa,  
E também as da premeditação.  
E na minha alma tu não ficas presa,  
porque o teu caso é caso de expulsão.  
No exílio vais pagar a crueldade  
com que desabafaste o teu furor.  
Talvez o **habeas-corpus** da saudade  
Consinta o teu regresso ao meu amôr”.

\* \* \*

“Quando a justiça é cega  
quem é pobre não se iluda...  
Para nós ela não enxerga!  
Justiça...

Quem a ti tem devoção,  
não sabe que a humanidade  
tambem tem separação...  
Se eu fosse milionario,  
tudo me corria bem.  
Mas eu sou um proletario,  
a justiça aqui não vem...

\* \* \*

[103]

E' o samba de um trabalhador, preso e revoltado, vendo que não ha em cubiculo da Correção um bacharel assassino ou ladrão – nenhum potentado emfim.

O malandro olha.

Vê uma população de dois milhões de habitantes na cidade e observa que todos os criminosos da chamada elite são restituídos ao gôso da Avenida, com as mesmas armas dos homicídios, e com as mesmas gazúas dos assaltos...

E desabava num samba de cadencia.

\* \* \*

Se fôr levantada uma estatística, veremos que a maioria dos criminosos processados estão soltos e que essa maioria é de posição.

Dos outros criminosos da classe trabalhadora, a maioria é de estrangeiros.

E nessa maioria avulta, em todas as classes de crime, o portuguez.

Tive a paciencia de levantar esta ultima estatística oficial, para responder a qualquer contestação.

De modo que a nossa situação social é, como diz Luz Pinto, uma operação algebrica com os sinaes trocados: não póde dar certo...

\* \* \*

[104]

Rafael Paixão, engenheiro ilustre, chamou-me atenção para um fato curioso ocorrido no ultimo carnaval: a elite, com a roupa do malandro, virava em frége os ambientes elegantes do Casino e do Palace cantando só dois versos intencionaes da marcha de Benedito Lacerda e Gastão Viana: “Macaco olha o teu rabo, senão vae haver o diabo.”

O malandro autentico não fez um conflito, e

cantava a **Formosa**, a **Linda Morena**, **A tua vida é um segredo.**

O contraste é eloquente.

\* \* \*

A Revolução Franceza.

O desfecho final do delirio democratico na Praça da Concordia, em Paris.

O Dr. Guillotin, acabando decapitado no aparelho de sua invenção.

As cabeças rolando.

Danton,

Cheniér.

La-Fayette, que comandava a Guarda Nacional.

Maria Antonieta, que ao ser colocada na guilhotina, disse para o carrasco: – não me desmanche o cabelo...

Camile Desmolins, advogado desconhecido, subindo a uma meza do café Royal e arrastando o povo contra o rei.

A Bastilha.

[105]

Luiz XVI, o Capeta, cercado pelo povo nas



Tulherias.

Mirabeau, que, dizem, foi comprado por Maria Antonieta, e de quem Saint Beuve disse: – Mirabeu não se vendeu: deixou-se comprar.

Madame Roland.

O açougueiro Legendre.

O caldeireiro Rossignol.

O cervejeiro Santerre – chefes da massa alucinada que invadiu o palacio real pedindo pão.

Luiz XVI estava no quarto.

Os populares foram ao encontro dele, obrigando-o a segurar um barrete frigio que levavam na ponta de um espeto.

O jornalista Carras, que disse ao carrasco:

– Contraria-me morrer assim. Gostaria de ver a continuação...

Estava gostando...

Saint Just – Antonio Leão Floreli de Saint Just, triste de olhar misterioso, e vinte e trez anos só.

Rouget de Lisle, autor da Marselheza.

Robespierre, que presidiu a assembléa de julgamento do rei, e que mais tarde a politica tambem degolou.

Tronchét, o unico que teve coragem, na hora do **chaveco**, de ser advogado de Luiz XVI.

Paganel que votou pela morte do rei dizendo:

– Um rei só é útil quando morre.  
Sieyés, deputado popular, que votou dizendo  
uma palavra só:

[106]

– Morte.  
Raffon de Troialle, que proferiu afogueado:  
– Pela morte e já!  
E João Bon de Saint André, que gritou de sua  
bancada:  
– Não ha povo livre sem tirano morto!

\* \* \*

A Revolução Franceza.  
O criado Clery, que foi acordar o monarca para  
o cutélo.  
Carlota Corday, apunhalando Marat.

\* \* \*

O cadafalso.  
Valasé, ensanguentado dentro de uma carroça.  
Os rufos de tambor.  
E a cabeça de Luiz XVI, segura pelos cachos,

mostrada ao povo delirante no local onde está hoje o arco do triunfo, de **Etoile**, com os baixos relevos de Rude...

\* \* \*

E' possível que o malandro não saiba disso em detalhes.

Mas sabe do fato.

Sabe quem foi Maria Antonieta, aquela sensual

[107]

e requintada que se importava pouco com as finanças da França, paiz onde não teve o seu berço natal.

Então, se a morena de S. Carlos o arrasa financeiramente, e o tráe com a côrte local, ele canta

“No morro de S. Carlos tive um trono:  
morenas me velando o sono  
numa corte imperial.  
De ti sofri, então, muita falsêta  
E tu eras Maria Antonieta  
me traindo no local.  
Saiste para a vida num fricóte  
O meu casebre de caixote

hoje não tem esplendor.  
E eu, o rei Capeto abandonado,  
acabei infeliz, guilhotinado,  
na saudade deste amor...”

\* \* \*

O amor não resiste ao matrimonio.  
O malandro, que sabe disso, ama a varejo.  
Porque a verdade é que uma garôta que trabalha  
num magazin, e um rapaz que vivem como póde, num  
emprego qualquer, tem na alma a moeda milagrosa do  
contentamento.

Mas, de repente, casam.

[108]

A garôta deixa o balcão, e vae residir em logar  
retirado, forçada pela crise das habitações.

O rapaz passa a não fazer a barba todos os dias,  
atropelando-se no regresso ao lar, pendurado como um  
acróbata, no tender de uma locomotiva da Central, ou  
no reboque dos bondes da tarde, com um embrulho de  
pão furando o papel.

Algum tempo depois, um filho.

O quarto nupcial agora já não recende a agua de

colônia. E despertador, ele não precisa por que tem o guri...

Começa na cama um pleito judiciário.

O quarto vira Vara Cível.

A mulher, cançada do batente caseiro, não quer acordar para encher um vidro de leite com um bico na ponta.

O marido alega que precisa dormir para estar cedo na ocupação.

Ela diz que o filho é de ambos.

Enquanto discutem a tése, na ausência do Temístocles Cavalcante, a creança está berrando.

E está também declarada a guerra do casal.

E' o tormento.

Unhas roídas de lavar panelas.

Cheiro de tempero nos cabelos que não se frisam mais.

Meias que são bandeiras em funeral, enroladas nos mastros das pernas enegrecidas.

Dentes careados, afastados uns dos outros, como estacas de uma cêrca velha de suburbio.

[109]

O lar...

Louco certamente, não é o malandro que

escreveu isto:

“Nunca mais essa mulher me vê trabalhando.  
Quem vive sambando, leva a vida para o lado que  
(quer.  
De fome não se morre neste Rio de Janeiro!  
Ser malandro é um capricho de rapaz solteiro!”

\* \* \*

A época é de dinamismo.  
O dinamismo, cujos vestígios se encontram na  
filosofia de Pitágoras, deve a sua restauração a  
Leibnitz, Kant e outros vultos cerebraes.  
E agora o passadismo luta em vão.  
Debalde alguns mestiços nossos patricios –  
mestiços de todas as raças pretendem impôr o  
classicismo.

\* \* \*

O brasileiro tritura tudo.  
Não sei porque.  
Mas tritura.  
Emquanto em cidades cosmopolitas como New  
York e Paris, os estrangeiros conservam suas fei-

[110]

ções, aqui imprimem seus traços apenas ás zonas que habitam.

Mas a alma fica logo no Brasil.

\* \* \*

A nossa personalidade vae se definindo nitidamente dia a dia, especialmente a do carioca que, recebendo todas as influencias do mundo, impõe a sua natureza a todos, absorvendo e plasmando o que é do Brasil e do exterior.

\* \* \*

Um sulista com seis mezes de Meyer muda até o modo de falar.

Para um nortista, basta trez mezes de Penha para acarioca-lo de uma vez.

Assim, judeus de Moscow e da Sofia aparecem no samba onde a ciganagem tambem já tem o seu lugar.

\* \* \*

Porque?

Coisas do mundo.

E ha mundo?

Malebranche – Nicolau Malebranche, filosofo catolico, disse que: “o universo é um pensamento de Deus”.

[111]

Malebranche, que nasceu em 1638, e faleceu, em Paris, no ano de 1715, por causa dessa teoria brigou com Bossuet.

\* \* \*

Aqui está um samba carioca feito por um italiano.

José Gelsomino, que é o conhecido boxeur Kid Pepe, palestrou comigo uma noite inteira, com a sua pronuncia perfeitamente carioca, com os leves metaes platinos como a de Raul Pepe, ou Raoul Roulien.

Kid parece um filho do Salgueiro, e tem apenas 10 anos de vida incerta no Rio, de onde sempre viaja – alma aventureira que é.

\* \* \*



Kid Pepe fez a resposta a um outro samba do seu colega brasileiro Rubens Soares.

O samba de Rubens é assim:

“Eu fui a um samba lá no céu  
ao entrar tirei meu chapéu.  
encontrei S. Pedro  
de terno azul marinho  
e sapato carrapêta...”

\* \* \*

[112]

Estou vendo Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) comentando com o Augusto Frederico Schmidt e o Perilo Gomes a audácia do sambista da Polícia Especial, que pegou para tema o apóstolo que não escutou o galo cantar trez vezes. Nós, da cidade, conhecemos muito bem a religiosidade industrial daqueles trez...

Esse Amoroso Lima tem tanto de religioso com eu de ateu...

\* \* \*

A resposta ao samba de Rubens é esta:

“Eu fui a um samba  
lá no inferno  
e fui barrado  
porque estava mal de terno.  
Foram me dizendo:  
malandro não entra aqui.  
Vae te aguentando,  
vae ficando por ahi...”

\* \* \*

A vida.  
A morte.  
O inferno.  
O céu.  
No samba carioca cabe tudo.

[113]

O pranto.  
Ele aqui está neste samba:

“Eu choro u... u... u...”

meu prazer é chorar a... a... a...  
Eu choro de saudade, de saudade,  
de quem que bem distante está.”

Eu choro, u... u... u...  
É o talento do morro.  
É preciso fazer justiça ao talento do malandro.  
Justiça.  
Não há prejuízo nenhum em cultua-la.  
É até um dever.

O principio classico da jurisprudencia romana diz que o “homem é obrigado a fazer o que não prejudica e é util aos outros”.

**“Quod tibi, non nocet et alter prodest ad id obligatus est”.**

\* \* \*

Justiça.

O presbitero Tiago Sinibaldi, na sua **Filosofia**, assim a definiu:

“Justiça é a virtude moral que inclina a vontade a dar a cada um o que lhe pertence por direito”.

\* \* \*

[114]

Que fiquem raivosos os classicos passadistas da velha civilização com a justiça que nesse livro se contém.

Wienckelmann escrevendo sobre Walter Pater, discipulo de Ruskin, disse:

“Compreendemos sobre o nome de poesia qualquer produção literaria que tenha o poder de transmitir por sua forma, independente de assunto, uma sensação de prazer. O que a arte moderna deve fazer em beneficio da cultura é refletir a vida moderna...

E de que necessita o espirito para traduzir a vida moderna?

Da clara noção de sua liberdade.”

\* \* \*

É preciso combater a tradição.

O autor da **Luz Gloriosa**, falando sobre a obra de um escritor portuguez, esplanou o assunto com muita logica, aplicando as teorias daquele citado escritor inglez.

\* \* \*

O carioca vivia dominado pelos impostores que lhe mistificavam a emoção com as lendas da Italia, de New York e de Paris...

Era o Duque, bem aquinhoado pelo Itamaraty do Rio Branco e do Rio Pardo, dansando, sem exi-

[115]

to, o nosso maxixe, e dizendo que deslumbrou o povo francez.

Quando acabou o apoio do nosso mil réis cambiado em França, ele, em logar de ficar dominando, como chefe de um corpo de bailes de um teatra qualquer de França, voltou para o Brasil...

Não está no Folies Bergeres, mas ali na praça Tiradentes, na **Casa de Caboclo**, valendo-lhe, na velhice, o niquel do carioca que ele esqueceu durante os seus triunfos mentirosos na chamada cidade luz, que é escura como quê.

\* \* \*

O baritono Roberto Vilmar, tambem.

Emquanto durou a sinecura que lhe deu a singular simpatia do Sr. Otavio Mangabeira, ele andou pela Europa, gosando a vida, quasi sem cantar por não

ser entendido nos locaes.

Vitoriosa a revolução de 30, o Sr. Mangabeira foi tirado da pasta, e o baritono itinerante voltou ao Rio, e ahi está nos teatros do largo do Rocio, sem, todavia, poder competir com os cantores de agora, porque hoje cantando não se berra mais.

\* \* \*

A Sra. Lucina Soeiro, premio de viagem de um estado do norte, voltou da Italia danada e fez quei-

[116]

xa aos jornaes porque a ditadura notavel de Benito Mussolini a obrigara ao deposito de muitas librsa para que ela pudesse exhibir a sua voz num teatro de Milão.

\* \* \*

Os oito batutas tambem voltaram desolados, e vão vivendo mesmo por aqui, porque nenhum paiz do mundo estimula aquilo que não é seu.

Cópia servil da arte dos outros, sem sentimento, por cabotinismo balofo, só no Brasil.

\* \* \*

Andou em moda a America do Norte.

Ainda ha alguns vassalos brasileiros deslumbrados macaqueando o progresso yankee.

Mas essa claque se esquece que os Estados Unidos não chegaram ao apogeu que impressiona copiando o fado, o Wagner ou o Massenet, mas construindo-se com o seu feitio, impondo as suas creações.

Principiou rifando a Inglaterra.

Embora se tenha abolido na nossa Instrução Publica o **Lusiadas**, tem muito velharoco subornado, da chamada cultura academica, que ainda fala em Camões, em Vieira, em Figueirede e outros bon-

[117]

zos da literatura massuda que nos impôz o ranço colonial.

E esquecem esses guitarristas da nacionalidade os vultos de Marcilio Dias, Saldanha da Gama, Tiradentes, Euclides da Cunha, Ruy Barbosa, Santos Dumont...

\* \* \*

E' preciso crear a orquestra tipica do samba, diferente da do tango e do fox. A Argentina e os americanos do norte fizeram assim...

\* \* \*

Falam na nossa tradiçãõ, esquecidos de que falam da tradiçãõ dos outros...

Se a America do Norte tivesse ficado de cocoras diante do tumulo de Byron, não seria a pletora que hoje é.

Admiremos a America do Norte.

Mas, sobretudo, o seu exemplo de povo que se construiu!

Admiremos o Mexico.

Copiemos deles os processos de nacionalismo.

E apliquemos, aqui no Brasil, a cada estrangeiro, a legislaçãõ que ha em seus paizes de origem para os que não são nacionaes...

Um portuguez não póde estrilar se lhe aplicarmos aqui uma legislaçãõ do Salazar.

Um alemão tem que ficar firme ao ser atingido



por uma medida do Hitler.

Um italiano não póde achar ruim uma providencia do fascio.

E assim por diante.

Eça de Queiroz (era portuguez?) numa carta escrita a Eduardo Prado, em 1886, disse que o Brasil muito o entristecia, porque sendo um povo original, dono de uma paizagem pujante, vivia vestido á européa, e havia estendido “na relva verde do seu territorio, o tapete esburacado e bafiento da Europa decrepita”. (Ultimas Paginas. Carta de Fradique Mendes. 1886).”

\* \* \*

Mas isto é um parenthesis.

Ao samba.

Senão eu terei que estudar esse Villa Lobos de historia longa, que tambem quando acabou a sinecura na Europa, arranjou outra aqui, e anda dando concertos no Municipal, bem pagos, encaixando nos programas nacionalistas Beethoven e Chopin.

Imaginem a Austria e a Polonia dando concertos nacionaes com musicas do Brasil!

\* \* \*

Aqui está um samba de musica dolente que ouvi numa toada de igreja:

“Diga-me ó Deus  
Por que a sorte a mim não protege.  
Se é meu destino sofrer  
como Deus sofreu,  
é meu destino morrer  
como Deus morreu.”

Os tamborins plangiam como carrilhões de madeira.

Era no Estacio.

\* \* \*

Um samba de mulher de malandro:

“Dinheiro, ele leva o meu.  
E se não leva, impomba.  
Do resto zomba  
o que ele póde querer mais?

Quando não leva o dinheiro impomba mesmo.  
E o mangue.  
Ha patativas no gradeado daquelas gaiólas de

amor.

\* \* \*

Foi-se embora o lirismo da **Casa branca da serra.**

Hoje ninguém mais passa mais horas inteiras entre as esbeltas palmeiras...

Hoje é **bungalow** nas praias ou no alto dos morros.

[120]

E camas baixinhas, com colchões de penas...

O Felix Pacheco fica revoltado.

E tóca a roer amendoim.

\* \* \*

Um samba de supersticioso:

“É pêsso,

estou pesado!

O meu viver é uma sentença

a que estou condenado a cumprir.

Essa pena o remorso condena.

Eu serei sentenciado.”

\* \* \*

Uma figura de destaque.  
É Silvio Caldas.  
Voz nublada e deliciosa.  
O samba na sua boca tem côr local.  
Silvio Caldas é o creador de **Faceira**.  
Dahi para cá, os seus sucessos contam-se pelas  
gravações que faz.

\* \* \*

Um excentrico.  
É Luiz Barbosa.  
Inventou um instrumento: o chapéo de palha.

[121]

O samba do morro tem nele um interprete de  
alto valor.  
No chapéo de palha está fazendo escóla.  
Nos seus breques pessoases, ele realiza uma  
novidade.  
E’ o caricaturista do samba.

Murilo Caldas que gravou **Vaidade**.

Jayme Brito, sincero na sua arte.

J. B. de Carvalho, autor do **Cadê Viramundo, Pemba!** especialista em macumbas, são figuras de merecimento.

A macumba entrou no disco pela mão de Getulio Marinho (Amor):

“**Macumbêêê**  
macumba girá  
oia a roda macumbêêê...”

Getulio Marinho é o autor do **Tenha Calma, Gêgê:**

“Traz o retrato e a estampilha  
que eu vou ver  
o que posso fazer por você”.

\* \* \*

O Azevedo Amaral escreveria uma série de trinta artigos compactos para estigmatizar o cinismo do

politico que promete tudo antes das eleições, e não conseguiria liquidar, como esta sintese do sambista, a mistificação dos que querem subsidio, carro de luxo, **manicure** e Leblon.

\* \* \*

O malandro.  
Quero ouvir sambistas.  
Ismael Silva.  
E' o autor da "Escola de Malandro":

"Escola de malandro  
é fingir que sabe amar.  
sem ela perceber,  
para não estrilar.  
Fingindo é que se leva vantagem.  
Isto sim, é que é malandragem..."

\* \* \*

A estréa de Ismael Silva foi o "Me faz carinho".  
Me faz.  
Está certissimo.  
Porque nós não temos nada com as regras  
luzitanas que até os analfabetos de lá aplicam, porque

ouviram taes regras desde que começaram a falar.  
Lingua é convenção.  
O que o povo aceita é que é o certo.

[123]

Essa historia de origem, de raiz, de etimologia é para os **trouxas**.

Porque devemos conservar o portuguez que já não falamos, se Portugal não conserva o latim?

Em nome de que lei, de que principio, se o portuguez evoluiu do latim nós não podemos evoluir do portuguez?

Gramatica e dicionario são catalogos de linguagem.

O resto é **tapeação**.

\* \* \*

Oswaldo Silva.

E' o autor do **Azul e Branco**, em cima do meu **Verde e Amarelo**, e deste samba:

“O samba para ser bem brasileiro,  
tem que ser feito no Rio de Janeiro.  
Carioca não tem medo de moamba.

Todo mundo fala mal  
mas no samba êle é bamba...”

\* \* \*

A briga nos barracões e nas habitações  
coletivas:

[124]

“Estou vivendo com você,  
num martirio sem igual.  
Vou largar você de mão, com razão,  
para me livrar do mal.”

Neste o malandro anuncia:

“Vae haver barulho no **chateaux**,  
porque minha morena, falsa  
me enganou.  
Se eu ficar detido,  
por favor, vae me soltar!  
Tenho o coração ferido –  
quero me desabafar”.

\* \* \*



A morena era falsa.  
O ciúme.  
O mouro de Veneza é pinto...  
Otélo no morro avisa, e apela para os conhecidos, afim de não ficar em **cana**.  
O ciúme.  
Ninguém toma conhecimento da Bíblia.  
Lá está no decálogo: “Não cubiçarás a mulher do proximo”.

\* \* \*

[125]

Catão que é o avô da honestidade, um dia emprestou a esposa a um amigo, como se ela fosse gabardine.

Naquele tempo era assim.  
Agora não é.  
Mas é.

\* \* \*

Hoje ha os que emprestam mesmo sem existir o

direito de propriedade que a lei romana dava aos maridos.

Mas hoje ha (infelizmente em maior numero) os ciumentos que ocasionam barulho no chateaux.

\* \* \*

O ciume é prova de amor?

Licurgo condenava este sentimento (vide Villeneuve – Le baiser en Grèce pagina 25).

\* \* \*

Nietzche disse que o ciumento não prova que ama a mulher, mas apenas que ama a si mesmo.

\* \* \*

O ciume na Turquia tem curiosa legislação.

[126]

O capitulo VII, do titulo III da **Codificação das leis civis**, manda que os maridos “tratem igualmente a todas as esposas, tirando a sorte entre elas sempre que tiver necessidade de viajar”.

\* \* \*

Havendo o sorteio o ciume dela abranda.  
A escolha não foi do marido.  
Foi da sorte.

\* \* \*

O ciume.  
Por causa dele, entre outras coisas, um grupo de  
mulheres, em Atenas, trucidou Lais.

\* \* \*

O samba desabafa.

\* \* \*

A mulata.  
Vae acabar no Brasil junto com o portuguez.  
Ela, pelo caldeamento das raças.  
Ele por falta de ambiente, inadptavel que é ao  
progresso da America do Sul.

\* \* \*

[127]

O ciúme.

O amor.

Historia antiga.

Apareceu no paraizo.

O assassinio de Abel por seu irmão Caim teve por motivo o amôr.

O **Genesis**, livro cuja autoria se atribue a Moisés, diz que primeiro nasceram aqueles dois filhos de Eva.

Depois vieram as filhas.

Quando naceu a primeira, já encontrou dois candidatos...

E quem diz que a tragedia do Eden teve esse motivo não sou eu.

E' um teólogo celebre: Marcene, figura que no seculo XVII fez rumôr.

Esse padre foi amigo de Galileu.

E foi procurador de Descartes.

Ha na Bibliotéca de Paris, um livro (**Questiones celeberrime in Genesin**) onde á pagina 1431 está a narração.

A filha de Eva, que amava o irmão de Abel, chamava-se Aclima.

\* \* \*

O amor no morro.

Acaba ás vezes, na bala ou no punhal, quando termina em samba, dando serviço aos meus colegas de reportagem de policia, os maiores jornalistas das

[128]

folhas, brilhantes e anónimos, que traçam notáveis novelas realistas, as quaes os escritores fastidiosos e enfatuados olham com fingido desdem...

\* \* \*

Os morros.

Os bailes.

Agenor de Oliveira, o **Cartola**, companheiro de **Zé com fome**, outro talento, tem um samba que começa assim:

“Tudo acabado, e o baile encerrado,  
atordoado fiquei.  
Eu dansei com você, Divina Dama,  
com o coração queimado em chama...”

\* \* \*

O samba ajuda a propaganda em prol da educação.

Ensina historia.

Ensina a lêr.

Ensina a aritmética.

Aqui está o **Problema:**

“Eu tinha dez mil réis de fantasia,  
quatro dei á Amizade, um á Ilusão.  
Cinco dei á Saudade. Ela queria  
e eu não pude pagar na ocasião.

[129]

Quem de dez tira quatro p’ra Amizade,  
dá cinco pra Saudade e um pra Ilusão,  
fica a pé na cidade dos amores,  
com o niquel que não corre: o coração”.

\* \* \*

Oswaldo Vasques, o **Baiaco**.

E dêle este samba que Antonio Moreira da Silva

gravou com perfeição:

“Vejo lágrimas,  
eu não sei se é  
fingimento ou sentimento teu.  
Tens olhos rasos d'agua,  
eu não sei se isso é magua  
ou alguém que te enganou...  
Confessa ó flôr.”

\* \* \*

Mais samba de ensino publico:

“Tristezas não pagam dividas,  
não adianta chorar.  
Deve-se dar o desprezo  
A toda mulher que não sabe amar”.

[130]

O homem deve na vida – a.  
Conhecer o seu valor – e.  
E não fazer como o Ignacio – i.  
que levou muito tempo – o,  
bancando o seu Estacio – u...”

\* \* \*

São vogaes.  
Por musica.  
Sem o fatigar das explicações.

\* \* \*

De Freire Junior, autor da **Malandrinha**, do **Luar de Paquetá**, com Hermes Fontes, do **Ai seu Mé**, e de tanta coisa bôa, ouvi o testemunho de uma derrota infringida ao vate Bastos Tigre, **D. Xiquote**, pelo **Sinhô**.

Freire Junior era chefe da gravação de uma fabrica e encomendara a Tigre uma letra de samba.

O humorista dos **Pingo e Respingos** fez.

O disco encalhou.

**Sinhô** fez então a letra por encomenda de Freire.

E' o **Gosto que me enrosco de ouvi dizer**.

Foi um sucesso abafador.

\* \* \*

[131]



**Zé com fome.**

E' ele o autor deste samba:

“Amar é um prazer que a gente tem  
antes de morrer,  
quando se encontra uma bôa mulher  
que não seja orgulha,  
que não faça chiquê...”

\* \* \*

Zé com fome resumiu assim nesta lição de coisas o nosso pavilhão:

“Bandeira brasileira é linda,  
sua côr vale um tesouro.  
O azul é nosso céu.  
O amarelo é nosso ouro!”

\* \* \*

O nosso ouro!

Ingenuo **Zé com fome!**

Virou ouro do Porto, cidade que nunca teve  
mina de coisa nenhuma.

O nosso ouro, que o luzitano levou todo, mandando depois dinheiro falso dentro de imagens de N. S. da Penha (é da historia)...

[132]

O nosso ouro...

Feliz inocencia desse **Zé com fome** de apelido tão simbolico, que o morro da Mangueira nos deu.

\* \* \*

O samba é um conforto até para os mendigos da cidade que escutam as melodias de graça olhando de esguelha a turma dos **tiras** em vigilancia.

A musica é ainda o consôlo maximo das almas sem pouso.

A musica, a sinfonia prodigiosa que Asclepiades, medico da antiguidade, utilizava para curar os nervosos (porque Austregésilo não utiliza **Pixinguinha** na sua clinica?); a sinfonia que veio com a primeira idéa, o primeiro homem, a primeira tribu, começou a impressionar no Rio a Lord Beckford que escreveu ser ela inconfundivel nesta cidade que a França um dia quiz tomar.

\* \* \*

Os mendigos do Rio ficam inebriados com as sinfonias.

\* \* \*

O leitor póde ve-los nas portas dos fréges, esperando a caridade industriosa dos lusitanos, e segui-los depois aos cabarets.

\* \* \*

[133]

Estou vendo gente surpreendida com aquela **caridade industriosa** a que aludi.

E' industriosa, sim.

Os donos de hotéis não são generosos como alardeiam aos freguezes inesperientes.

Os portuguezes dos restaurantes dão o resto de comida aos mendigos para lesar o fisco.

A lei municipal obriga os hoteleiros ao pagamento da taxa do lixo, pelo numero de caçambas que o estabelecimento.

Guardar os restos, obrigaria a possuir muitas

caçambas e pagar muitas taxas...

Não é negocio...

O melhor é dar o resto aos mendigos, de toda parte, unico paiz que somos de porto aberto á lepra, ao tracoma, aos mutilados e ao crime de todas as nações.

\* \* \*

Conseguidos os restos de comida, os mendigos da cidade vão saborea-los numa fraternidade tragica, na esplanada do Castelo.

E terminada a refeição, as sombras errantes caminham até o Passeio Publico, e vão ouvir musica.

Encostam a cabeça na parede de um **cabaret**.

Lá de dentro, entre o estouro de champanhe e gargalhadas de cristal, sáe um samba que diz assim:

“Queria te ver na esquina  
Pedindo esmola, pedindo esmola”.

\* \* \*

Um mendigo olha para o outro,  
E faz um sorriso amargo.  
E o côro: “Que boa bola”.

\* \* \*

Os mendigos não acham.

\* \* \*

“Arrasta a sandalia ahi morena...”

Os pares volteiam nos leves coleios dos corpos  
sensuaes.

Os mendigos espiam por uma frincha de luz.

Rompe outro samba.

Os miseraveis prestam atenção:

“Vaidade, vaidade  
sempre tivestes de mais.  
Escuta vaidosa  
que o castigo vem atraz.  
Vaidosa de tal maneira,  
tu chegas a ser capaz  
de pensar que tens caveira  
mais bonita que as demais”...

\* \* \*

Agora os mendigos riem.

Um riso e um sapato velho.  
E murmuram na sombra, com as calças largas,  
cheias de janelas de retalho azul:

[135]

– E’ isso mesmo.

\* \* \*

Depois se afastam e vão dormir nos bancos das  
praças ou nos desvãos dos edificios publicos,  
emabalados pelo som gratuito da alegria dos outros.

\* \* \*

O patriotismo.  
De vez em quando resalta:

“Progresso  
vieste da nossa liberdade  
Brasil, terra do samba de fáto  
por esta terra eu me mato,  
brasileiro de verdade”.

E’ de Heitor dos Prazeres.

Rubens de Queiroz, o **Carambola**, um nacional de talento, canta este samba em publico ostentando uma bandeirinha.

E abafa.

\* \* \*

O sambista ahi atribue o nosso progresso á Abolição.

Para ele, se a princeza regente não tivesse as-

[136]

sinado a lei que Rodrigo Silva redigiu quando ministro do gabinete João Alfredo, ali no edificio do telegrafo, com uma caneta de ouro cravejada de brilhantes (ainda está no Museu, **seu** Roquette Pinto?) nós não teriamos progresso.

E o sambista estará sem razão?

\* \* \*

A inteligencia do malandro carioca.

Um malandro do morro, sentindo que ia morrer, fez um samba que começa assim:

“Amigos, quando eu morrer  
Não quero choro nem nada:  
eu quero é ouvir um samba  
ao romper da madrugada”.

\* \* \*

Vejamos, na hora da morte, o que deseja, num  
fado, o malandro portuguez:

“Rapazes, quando eu morrer,  
levae-me devagarinho,  
pondo em cima do caixão  
azeitona, pão e vinho”.

\* \* \*

[137]

O fado é um arrôto!  
O fado só fala em miseria.  
Em cadélas de rua.  
Em bacalháu.  
Em catres de hospital.  
E’ sempre a mesma lamuria:



“Minha mãe  
minha mãe,  
minha mãe”.

Rimando com também.  
A diferença entre um e outro é chocante.  
Isso prova a influencia do chuveiro nas almas...

\* \* \*

Ha sambas sem sentido aparentemente:

“Alegria era o que faltava em mim.  
Uma esperança em ti eu encontrei.  
Mas os carinhos que me faz,  
me deixa em paz...  
Eu te deixei para nunca mais...”

\* \* \*

O batente  
Ha os que combatem o trabalho.  
E estes são em maioria:

[138]

“Você quer comprar o seu socêgo,  
me vendo morrer no emprego,  
pra depois então gosar...  
Esta vida é muito comica.  
E eu não sou Caixa Economica  
que dá juro a ganhar...”

\* \* \*

Ainda ha mulheres que fazem questão da nota.  
São poucas.

“Amôr, amôr,  
amôr sem dinheiro não tem valôr”.

\* \* \*

E o malandro quando consegue deixar a amada  
que não se passa, canta vitorioso:

“Não preciso de você  
teu orgulho que me importa?  
Tenho fé que, ainda um dia,  
vens bater á minha porta.  
Um malandro como sou  
não preciso trabalhar.

Não me passo para o amor,  
Não me passo para o amor,  
não quero me amofinar...”

\* \* \*

[139]

Um samba do Gradin, nostálgico e filosófico:

“Sorrindo, sorrindo sempre,  
porque eternamente hei de sorrir  
pra não chorar...”

Viram a explicação?

E este não foi buscar, como o maranhense  
passadista, a sua inspiração em Metastazio...

\* \* \*

O Canuto:

“Vou a Penha rasgado  
pra pagar uma promessa.  
Vou de chinelo charlôte,  
terno de cimento armado...”

\* \* \*

Expressivo:

“Que infeliz sorte.  
que infeliz sorte!  
Que vale que, pra sofrer esta paixão,  
meu coração é forte.  
Se não sentia as maiores dôres  
pela ingratidão que me fez Dolores...  
Passa por mim, rindo e cantando,  
arrastando o sapato,  
debochando...”

\* \* \*

[140]

O leitor está vendo a morena zombando na  
calçada, sem meias:  
Caixeiro...

\* \* \*

A vida.

O sambista compreende as almas.  
E diz á mulher que tem como ele o seu  
romance:

“A tua vida é um segredo  
é um romance e tem enredo...”

\* \* \*

Um dia o sambista medita e faz promessa de  
deixar a orgia.

Chega no espelho.

Olha para traz.

Não fez nada.

Bateu papo, conversou pelas esquinas,  
emquanto outros companheiros tomando a vida a sério,  
se encarreiraram e caíram no casamento,  
transformando-se em funcionarios publicos do amôr.

E canta:

“Fui louco  
resolvi tomar juizo,  
a idade vem chegando  
e é preciso;

[141]

se eu choro,  
meu sentimento é profundo,  
ter perdido a mocidade na orgia,  
maior desgosto do mundo.  
Neste mundo ingrato e cruel,  
eu já desempenhei meu papel.  
E da orgia então  
vou pedir minha demissão.  
Mas como eu fui louco..."

\* \* \*

Esse arrependimento julga felizes os  
companheiros que compraram entrada no **guichet** da  
encrenca, ingressando no matrimônio, causa martir da  
neurastenia que nos interrompe nos bondes, nos onibus,  
nos trens.

\* \* \*

Apanho um samba de Kid Pepe, aquele italiano  
que o Rio fez sambista igual aos daqui:

“Ao entrar em casa não te encontrei.  
olhei teu retrato, li tua carta e chorei.

E's creança louca, não sabes o que é amar.  
Não te dei motivo pra você abandonar..."

\* \* \*

Ouvi este samba em Catumbi.

[142]

Antigo reduto de ciganos.

O morro do Kerozene tem a alma daqueles menestres de azinhavre e daquelas Ruts boemias, que foram os dentes com ouro, lêmm a **buena dicha**, furtam panelas e caldeirões – essa curiosa gente do mundo: homens hirsutos e feudaes nos seus bandos; mulheres lindas e escravas que quando os filhos nascem correm ao terreiro a mostra-lo á lua “gema de ovo em copo azul!”.

\* \* \*

Se não ha lua no dia do parto – ensina Mello Moraes Filho – é máu presagio para o cigano que naceu.

\* \* \*

Este samba também apanhei em Catumbi:

“Em Janeiro miseria é pão.  
Em Agosto miseria é páu.  
Em Outubro a flor da idade,  
vem a chuva de Novembro  
e a terra **móia.**”

\* \* \*

E' de ciganos.  
E' confuso.  
Deve ser uma reminiscencia.

[143]

Outros samba curioso num agrupamento  
mesclado do mesmo local:

“Trinta dias tem Setembro,  
Abril, Junho e Novembro.  
Fevereiro tem vinte oito.  
E os mais que sete são,  
trinta e um todos terão”.



\* \* \*

**A nota.**

Quem criou as moedas foi Licurgo, legislador grego.

A **nota**, a **grana**, a **gruja** é o motivo comum das queixas de amor:

“Não tenho nota nem faço questão,  
mas tenho enfim muita satisfação.  
Com alegria estou muito bem  
muita gente quer ter e não e não tem”.

\* \* \*

O imaginoso:

“Meu colchão de penas  
travesseiro de piedade.  
Meu lençol deixa lembranças...  
Cabrochas deixa saudades...”

\* \* \*

A's vezes, no morro, por causa da grana, ha briga.

[144]

Ela quer gritar.  
Ele impõe:

“Silencio  
quem manda aqui sou eu.  
Vá buscar a sua mala e arrume o que é seu.  
Quem canta no terreiro é o galo.  
E por isso quando eu falo,  
ninguem deve duvidar...”

\* \* \*

A saudade.  
Flavio Santos, do morro do Salgueiro, tem um  
samba assim:  
alegria dos meus olhos é te ver!  
Eu juro se algum dia tu voltares,  
eu serei o mesmo joven para você”

\* \* \*

O mesmo jovem.  
Flavio é do morro do Arrelia.

No Andarahi.  
Agora vive no Salgueiro.  
E eu evoco minha meninice entre garôtos de  
suspensorios de tiras de pano.  
A rua – meu vicio até hoje.

[145]

A sargêta sincera.  
A pedra vingadora da atiradeira.  
O carvão que marca o cambio da gloria nos  
rabiscos dos muros e das paredes discretas dos  
botequins.

\* \* \*

Quando o moléque escreve um **viva**  
garranchando no portal, o personagem está alto!

Quando os desenhos indecorosos aparecem nos  
paredões das ruas com uma legenda, a celebridade  
morreu...

Quem quizer ler tratados de psicologia espie os  
escritos dos muros e das paredes secretas das casas  
comerciaes.

\* \* \*

A saudade.

Um marítimo escreveu este samba:

“Saudade, saudade, eu sinto  
quando estou no estrangeiro.  
Porque desprezo a vaidade  
daquela cidade.  
Eu sou brasileiro!

\* \* \*

[146]

Fóra do Brasil o mundo para êle é uma cidade.  
E inteligente e simples, o malandro não viu nada  
que o entusiasmasse lá fóra.  
Viu vaidade.

\* \* \*

Os pianistas do samba.  
O piano com toda sua austeridade, teve que  
aceitar o samba.  
Entre os exímios do teclado, resalta **Nonô**,  
Romualdo Peixoto, o **Chopindo samba**.

Nada mais justo do que esta denominação que lhe déram, á parte o feio habito de ir buscar nos outros as nossas comparações.

**Nonô** é um caso.

Nas pontas dos seus dedos ha martelos de veludo, e ninguem explica o milagre do sentimento, da intuição que ele exprime á sua maneira, destacando-se emotivamente na execução.

\* \* \*

Custodio Mesquita, outro valôr, é de outro genero.

Tenho sido um executor popular, os salões da aristocracia importada exigiram dêle disciplina nos dêdos.

Mocidade radiosa, seduzido pelo dourado representativo das casas que espiam o mar, e dos salões

[147]

onde os saltos viram patins, ele fugiu logo do ambiente popular e dá-se por pago quando lhe apreciam o romantico do fisico; os cachos como lagrimas de retróz na cabeça que exhibe; as mãos frias e tremulas; o rosto palido, com o coração danado para fazer um bréque a

Mario Travassos ou **Nonô**...

\* \* \*

Salta nesse grupo um sincero.

Cheio de ancia.

Espalhando talento, sem querer assumir a responsabilidade de uma composição, conhecendo muito a sua arte e não querendo um lugar pequeno entre os autores.

Contenta-se com a justa fama de grande executor, apertando os olhos numa miopia que não transige com as casas de ótica.

E' Kalúa.

A sua figura entretanto, mesmo nessa displicencia estudada, cada dia cresce mais.

E' dos que sabem, em musica brasileira, o que dizem e querem fazer.

\* \* \*

Mario Travassos, autor do **Sinto Saudades**, é um valor autentico.

Como compositor e como executor vive cercado de justas admirações.

[148]

O samba tem ainda o concurso de pianistas como Rondon; Vadico; Mario Cabral; Jeronimo Cabral; Pedro Cabral; Orlando Thomaz Coelho, o **Cebola**, autor do **Alguem deve morrer**, Taranto; Carolina Cardoso de Menezes, substituindo Chiquinha Gonzaga, autora da musica dolente do “Forrobodó”.

“Forrobodó de massada  
Gostoso como êle só...”

\* \* \*

Carolina Cardoso de Menezes vive entre a festa dos afétos de todos quantos lhe admiram as virtudes de mulher e de artista, graciosa, simples e moderna.

Eligio; Mario de Azevedo; Eduardo Souto; Lauro; Neylor de Sá Rego (Ioiô).

\* \* \*

Os pistões do samba.  
Saltam logo estes nomes: Djalma; Zezinho;  
Ismar Santiago; Napoleão Tavares; Gumercindo;

Guilherme Pereira; Ivan Corrêa Lopes; Bonfiglio de Oliveira; Waldemiro Alves; Wanderley.

\* \* \*

[149]

E os trombones.  
Vem na frente do páreo Ismerino Cardoso.  
Quando ele puxa a vara, sáe sêda colorida no som.

E os outros: Printêa Passos; Marinho (Satiro de Almeida); Vantuil de Carvalho; Osvaldo Lira; Sizenando; Eurico Sá...

\* \* \*

E os banjos:  
Furinha, Pantaleão Candido de Oliveira; Aristides (Moleque Diabo), Ernani Braga.

\* \* \*

E os violinos, que entram ás vezes na musica popular:  
João de Mesquita.



Vicente Barraca.  
Augusto Vasseur.

\* \* \*

Os saxofones:  
Luiz Americano, empolgante, o **saxofone de ouro** é um espetáculo.  
Aquele cachimbo de metal na boca de Luiz Americano tem sonoridades inéditas.  
E Octaviano Romero (Fon-fon) Monteiro, Jonas

[150]

Aragão, Pascoal de Barros, Braga, Custodio, Arêas, André, Paulino Santos e clarinetas como Ernani Amorim e Victor Barcellos (Dedé), Nelson, Sandoval Dias.

\* \* \*

As flautas.  
A de **Pixinguinha** dominou.  
Ha Plinio Paes Leme, que é classico eximio.  
Benedito de Lacerda.  
Attilio Grany.

João Menezes.

\* \* \*

A tuba, (o antigo bombardão de campana ás avessas) tem duas figuras sensacionaes: Amaro e Francisco Mello (José Americo).

\* \* \*

Os baterias.  
Duas estrelas: Walfrido Pereira da Silva e Luciano Perrone.  
E Salomão.  
Juquinha.  
Filhinho.  
José Miranda.  
O Tute, filho.  
Benedito Pinto.

\* \* \*

[151]

Os bandolins.  
O bandolim foi perseguido pelo banjo e pelo

cavaquinho.

Anda pouco no samba.

João Martins porém aparece, maravilhoso, com o seu, sem concha.

Grande figura do bandolim: Luperce Miranda, igualmente notável no cavaquinho em que é surpreendente.

Nelson Alves, no seu gênero sem rival.

\* \* \*

Os pandeiros.

Alfredo – o pandeiro do diabo.

João da Bahiana.

Russo.

\* \* \*

Omelês:

Tio Faustino – Getúlio Marinho (Amôr),  
Oswaldo Vasques.

\* \* \*

Afochês:

Oswaldo Viana, Leovegildo Cardoso, Adolfo  
Teixeira...

\* \* \*

[152]

Um orchestrador notavel: Satiro de Mello.

\* \* \*

E' preciso destacar Ary Barroso.  
Compositor e poeta, que introduziu a cadencia  
marcial na marcha.

**Dá nella.**

**Rancho fundo.**

**Faceira.**

**Segura esta mulher.**

E' um valor singular.

Acusam os sambistas de corrupção do nosso  
idioma.

Nada mais necessario do que corromper a lingua  
de Portugal.

A respeito da lingua diz Monteiro Lobato:  
"Assim como o portuguez evoluiu do latim, pela  
corrupção popular desta lingua, o brasileiro está saindo

do portuguez. O processo formador é o mesmo: corrupção da lingua mãe. A candida ingenuidade dos gramaticos chama corromper o que os biologistas chamam evoluir. Aceitemos o labéo e corrompamos, de cabeça erguida, o idioma luzo, na certeza de que estamos a elaborar obra magnifica.

Novo ambiente. Nova gente. Novas coisas. Novas necessidades de expressão. Nova lingua. E' ridiculo o esforço do carrança curto de idéas e incompreensivel, que deblatera contra esse fenomeno natural, e tenta paralizar a nossa elaboração linguistica em nome de um respeito supersticioso pelos

[153]

velhos tabús portuguezes que corromperam o latim.”

\* \* \*

A variedade do Rio.

Cada dia temos um céu.

E' Londres.

E' Roma.

Da esquina da rua do Ouvidor á Galeria  
Cruzeiro vivem os grandes Boulevards de Por Saint  
Martin a Magdalena.

Cães do Porto á Liverpool.  
Encontra-se Stokolmo na praça da Bandeira.  
Sofia na Penha.  
Moscou na rua Senador Euzebio.  
E a rua da Alfandega é, incontestavelmente,  
Beyruth.

\* \* \*

Os bairros falam.  
O leitor já foi a São Cristovão?  
Cada placa de rua é uma voz de comando!  
E' um bairro militar.  
Rua General Bruce.  
Rua Marechal Argollo.  
Rua Coronel Cabrita.

\* \* \*

[154]

Marchaes desde Deodoro.  
Generaes.  
Coroneis.  
Capitães.  
Estão todos nas esquinas das ruas de São

Cristovão como se comandassem na arrancada eletrizante do Passo da Pátria, na bravura inconsciente de Canudos, no simbolismo guerreiro de Itararé...

\* \* \*

O Rio.

O autor do **Despertar** presagiu:

“Amanhã desmaiará Paris, esse narcótico.  
Desabará Nova York, essa vertigem.  
E só tu reinarás, cidade do esplendor.”

\* \* \*

Um samba expressivo:

“Cocoricó. O gado já cantou.  
Levanta negro vae pegar no batedê  
O senhorio ainda hontem já falou  
um não recebeu o mez.  
No relógio da vizinha já faltam 10 p’ras 6...”

Os dois últimos versos mostram um mundo.  
O leitor está vendo a cabrocha esticando o pes-

[155]

coço no tapamento do muro, regulando a vida pelo  
cronometro gratuito da vizinha do lado.

\* \* \*

Estou na Avenida ouvindo sambas.  
Em cada esquina ha dedos tamborilando em  
caixas de fósforos.  
E' uma tarde clara.  
A nossa avenida Rio Branco é a Puerta del Sol  
de Madrid.  
E' a Regent Street de Londres.  
E o Boulevard dos Italianos, de Paris.  
E' a passagem de Saint Houbert, de Berlim  
E' a Piazza del Populo, de roma.  
E' o cáes Schiavoni, de Veneza.  
E' o mundo em desfile.  
Diplomatas.  
Homens de negocios.  
Cavaleiros de todas as industrias.  
Heróes.  
Santos.  
Mulheres a pé.  
Homens em lindos automoveis, acompanhados



por lindas mulheres.

O automovel dá á alma o crédito da felicidade.

Um homem, num auto particular, ao lado de  
uma linda mulher, tem a ilusão perfeita do amor.

[156]

Entretanto, o amor da mulher é pelo automovel  
do homem orgulhoso que parece feliz...

\* \* \*

A mulher.

Quantas definições.

Este samba dá uma:

“A mulher é um jogo de azar,  
mas o homem como um bôbo  
não se cança de jogar”.

Letra de Francisco Alves.

\* \* \*

O dinheiro.

“Lá vem éla, chorando  
Que é que ela quer?  
pancada não é, já dei.  
Mulher da orgia quando começa a chorar  
quer dinheiro, dinheiro não ha...”

O dinheiro.  
Do tempo que os exercitos eram mercenarios  
vem a frase: “Point d’argent point de suisse”.  
Quem disse isso foi o classico Racine, falando  
dos suissos recrutados.  
Os amantes de citações estão gostando.  
Cultura! E’ preciso cultura!

[157]

Que cultura o que!  
O sêbo do Quaresma está cheio dos livros deles  
a duzentos réis...  
A respeito de dinheiro o italiano Machiavel  
(Nicolau) contestou Cicero.  
Mas Felipe da Macedonia garantiu que  
nenhuma cidade resistiria á chegada de um jumento  
carregado de ouro...  
Os antigos afirmavam a utilidade do dinheiro  
até depois da morte.

Quando alguém morria os romanos colocavam na lingua do falecido uma moéda para que o morto a entregasse ao barqueiro Caronte, encarregado de passar as almas de um lado para outro lado do rio.

O rio Acheronte.

Sem a pratinha da passagem as almas ficariam pensando um seculo nas margens infernaes.

\* \* \*

Mas porque os romanos colocavam o dinheiro na boca dos defuntos e não nos bolsos?

Porque a invenção do bolso só apareceu no seculo XI.

O dinheiro surgiu no seculo VI antes de Cristo.

A principio era só na tróca.

E boi foi cambio.

Tudo se avaliava então pelos bois.

Homero diz que no seu tempo uma armadura de aço valia nove bois.

[158]

Foi ahi o inicio do capital.

Capital vem de **Caput**.

Cabeça.

Cabeça de que?  
De boi.

\* \* \*

A oratoria.  
Ouçamos um samba de pura demagogia.  
E' o **Peço a palavra**.  
O malandro vae falar.  
Vae falar contra os que compram sambas  
levando-os para os salões.  
E' um egoismo regional.  
Heróes de Piratini; orgulhosos bandeirantes;  
guerreiros do **nego**; garbosos da terra de Tiradentes; os  
que falam no anjo que cosia a mortalha em Piraja –  
enfim, todos os regionalistas do Brasil, não vão negar  
ao malandro do morro, essa gloria carioca do samba  
que eles não querem que desça para as vitrólas da  
civilização.

E cantam:

“E' uma verdade  
O que eu quero dizer:  
Não digo esto com intuito de ofender.

O samba cantado hoje em dia é duvidoso.

porque gente do samba não se mete na cidade.

[159]

Passa a vida pelos morros, gosando a liberdade.  
E alguns malandros sem escola.  
vão pegando boas quadras e levando pra vitrola.  
A malandragem tira o samba sem segredo,  
e canta abertamente, assuntando o seu enredo  
de amor,  
Mas não está visando o vil metal,  
Deixa isso prô sabido  
que explóra o capital...”

\* \* \*

Cada linha desse samba é uma enciclopédia.  
O leitor encontra o que quiser.  
E o poeta disse tudo isto sem intenção de  
ofender...

\* \* \*

J. Tomaz, meu parceiro da **Flôr do asfalto** e do  
**Verde e amarelo**, diz num samba autonomista:

“Peço a palavra pela ordem!  
Depois da autonomia,  
quais são os direitos que dão?  
Eu sou o samba –  
eterna nostalgia –  
expatriado dentro do proprio torrão!”

\* \* \*

[160]

Um samba da cadeia.  
Mas já feito á bordo pelo malandro, a caminho  
da Colonia Correccional:

“Em alto mar, em alto mar  
o coração é quem pede pra voltar”.

\* \* \*

O coração é quem pede.  
O malandro separa o coração dêle mesmo.

\* \* \*

Outro samba que calhi numa galeria da

Detenção:

“Se estou preso aqui agora  
não me prende esta prisão:  
mais preso fiquei por ti  
nas grades do coração.

\* \* \*

Mas atentemos naquele verso: “Em alto mar”.  
A Colonia Correccional é ali.  
Mas para o malandro da cidade, logo que o  
navio se afasta da ilha Fiscal é alto mar.  
E’ o Baltico.  
E’ o mar de Marmara...

[161]

Imaginação.  
Essa iluminação **a giorno** que a gente põe no  
caminho da vida.

\* \* \*

A observação aguda do sambista abrange tudo.  
E ressalta imprevista, alegre ou religiosa, nas

novidades das suas composições.

Quem passa a noite em claro, sem o repouso confortante de uma cama turca, após ceia lauta num cabaret, mas **comendo rama** na incerteza de uma meia porção, tem mau fim.

Acaba com os **pulmões fracos** como está no samba de Nelson Brito e Artur Costa.

**Parceiro do sereno.**

\* \* \*

O malandro é o perfeito parceiro do sereno.

Ninguém, no Petit Trianon, seria capaz de o definir melhor.

\* \* \*

Certa vez na Praça 11, quando fiz parte de um júri de sambas, num carnaval, impressionou-me o

[162]

fraseado de uma produção cuja falta de sentido aparente, teve logo para mim um sentido excepcional:

O samba dizia assim:



“Não nasci para esse fim  
ai meu bem,  
Diga o que queres fazer de mim.  
Eu só vivo a sofrer e a chorar.  
Mas existe um porêm  
que o meu sofrimento não é por amar.”

\* \* \*

Existe um **porêm**.  
Os advérbios substantivados num prodígio de  
lógica.

Era preciso interrogar.

Interroguei:

– Que **porêm** é esse que o seu sofrimento não é  
por amar.

Ele respondeu:

– Minha mãe sempre me aconselhou que não  
bebesse, que eu deixasse a orgia. Eu prometia, mas  
continuava.

No mez passado ela morreu. Então eu fiz este  
samba que o meu sofrimento não é por amar...

Era o **porêm**...

\* \* \*

[163]

Um samba liturgico:

“Ri  
Não se ri de quem padece.  
Sofre  
Meu coração sabe dizer.  
Ri  
quando vê alguém chorar  
Deus é justo e verdadeiro.  
Por quem eu tenho chorado  
tenho fé em me vingar.

\* \* \*

É uma ameaça e um lamento.  
Ela ri.  
Ele jura que se vingará.  
Deus é justo e verdadeiro.  
Verdadeiro, não mente aos bons.  
Justo, deve autorizar o castigo aos maus.  
Por isso o malandro tem fé e espera a hora da  
forra que às vezes demora mas vem...

\* \* \*

O coração é inconsciente.  
Muitas vezes o malandro reflete que deve  
silenciar.

O coração não deixa:

“Perdão meu bem:  
atacou-me o coração

[164]

falei de mais...  
Sou bom rapaz  
no modo de proceder...  
Perdão, porque  
acabou nosso amizade.  
Eu vou morrer,  
Sinto dores,  
são saudades.

Procede bem.  
O coração é que às vezes é indiscreto.  
E ele sente saudades.

\* \* \*

Às vezes, entretanto, ele faz o coração duro.  
Quer voltar ao antigo amôr.  
Está com o cheiro da morena entranhado na  
pele, mas resiste castigando o corpo.  
E canta como Silvio Fernandes, o **Brancura**:

“Deixa esta mulher chorar,  
Pra pagar o que me fez.  
Zombou de quem soube amar,  
por querer,  
hoje toca tua vez de sofrer.  
Não te lamentes:  
o mundo é mesmo assim.  
Chora que eu já chorei  
e tu zombaste de mim.

[165]

Amei e fui vencido,  
outro não amou venceu.  
Foi protegido da sorte –  
foi mais feliz do que eu...”

\* \* \*

Embora os passadistas e negociistas coloquem como professora de bailado a polaca Olenewa, nomeada a pedido de uma sua patricia para o nosso Municipal; a despeito de ter cargo vitalicio na Prefeitura para ensinar córos que não temos, o italiano Ruberti, nomeado pelo sr. Adolfo Bergamini que diz não ser patricio desse felizardo que aportou aqui, o classicismo vai perdendo terreno, abrindo caminho á arte puramente nacional.

Certa vez na reportagem que fôrma este volume, tive ocasião de ouvir tecnicos e consultar estatisticas nas quais o samba vai vencendo sosinho, guerreado pelos Kozarin, Gluckmann, Buthmann e outros judeus que tudo fazem para entrar o surto do que é do Brasil.

E a vitoria plena chegará.

E enquanto ela não chega, vamos coligindo estas notas exaltando o samba e enfrentando o focinho torcido da turma de velhos e velhacos daqui e dalém.

\* \* \*

[166]

Num volume indice de uma historia a se escrever com mais base e mais brilho, não posso esquecer um grande paladino da nossa musica e que foi

o seu primeiro chefe na vida de jornal: Ruy Barbosa.

No dia 15 de Agosto de 1875 Ruy, na Bahia, prestou o primeiro serviço á nossa musica popular.

Motivou o gesto de Ruy uma pretensão do ator Xisto Bahia.

O genio que assombrou em Haya era diretor do Conservatorio Dramatico da cidade do Salvador, e a pressão do ambiente aportuguezado daquele tempo impedia a representação da peça nacional **Vespera de Reis**.

Um visto de Ruy Barbosa aprovou o trabalho de Artur Azevedo, fazendo a gloria do ator Xisto que culminou nessa ocasião.

\* \* \*

A luta no Brasil pelo Brasil tem sido grande.

A nossa historia, sufocada pelo interesse de outros povos, tem trechos longos de mentiras que nos arrazam de um modo integral.

Não temos um dicionario.

O Brasil adota servilmente os dicionarios de portugueses como o de Jaime Seguiet, onde aparece debochada até a gloria de Santos Dumont.

Nas ultimas comemorações a Pedro Alvares Cabral, um navegador bagunça que ia pra India e deu

[167]

com os costados na Bahia (isso depois de terem passado pelo Brasil Diogo de Lepe e Pinzon) varios brasileiros foram á Extremadura visitar-lhe o tumulo.

E falou-se em tudo.

Menos no brasileiro Varnhagem que descobriu o descobridor.

Foi Varnhagen quem disse a Portugal onde estava enterrado o navegante da Pinta.

Fez mais.

Traduziu os letreiros góticos da sepultura.

E Alberto de Carvalho, advogado do nosso juri que defendeu o pai de Evaristo de Moraes, trouxe para a nossa catedral os restos mortais de Pedro Alvares Cabral, os quais não estão lá no sarcófago de Extremadura, ou então é uma mentira aquela catacumba que existe na igreja principal do rio, com uma placa datada e assinada de 1901, por D. Joaquim Arcoverde Cavalcante de Albuquerque que era então o Cardeal.

\* \* \*

Mas que se dane o Cabral.

Vamos continuar no samba.

No exame das suas emoções.

\* \* \*

O samba.

O pianista do samba hoje tem o tipo padrão des-

[168]

se o Nonô que nunca entrou no Instituto de Musica, mas perto de quem as laureadas ou os laureados que se vão exibir longe, não querem tocar...

Porque uma coisa é o barulho maluco do Wagner, que a macacada aprende sem sentir, e outra coisa é a arte legitima desse moreno.

O pianista de hoje não é mais aquele valsista contrafação da França, de colarinho alto e punhos querendo fugir, seguros incertamente por botões de mola como tramelas nas casas da camisa de peito engomado.

O passado.

Desapareceu o piano de som metalico nas casas baixas da cidade nova, que as enchentes invadiam, fazendo flutuar cadeiras e outros móveis até o campo de Sant'Ana, numa exquisita regata onde os colchões encharcados eram ióles velozes tripuladas pela garotada



que hoje está a envelhecer...

A cidade nova agora encéra o chão das casas, e a substituição pela lei do mestre de obras do Ribatejo, pelo engenheiro arquiteto das Belas Artes, afastou o perigo da invasão das águas que muitas vezes acabaram com os bailes dali.

Eurico do Estacio.

Pedro Damião.

Os lundús.

Havia um assim:

[169]

“Entra chaleira apitando  
intitulando ser autoridade.  
A máquina de café apitando  
chama ela porque é bela  
e tem-lhe amizade.”

Tudo errado.

Mas evocativo, mostrando como anda alto hoje  
o sentimento do sambista.

\* \* \*

O Rio antigo.

O Rio mais antigo – o do maestro José Mauricio, o padre que derrotou o luzo Marcos Portugal que o perseguiu.

José Mauricio está sepultado na igreja que existe á rua dos Ourives, esquina de S. Pedro.

Muito lhe deve a musica nacional.

\* \* \*

Gottschalk.

Luiz Gottschalk.

Era americano do norte.

Filho de inglez.

Andou por aqui.

Gostava do Brasil.

[170]

Fez a marcha triunfal com o hino nacional de Francisco Manoel.

Um dia um invejoso europeu, dando-lhe um aperto de mão, numa rua escura, partiu-lhe três falanges.

Gottschalk não pôde tocar mais.

\* \* \*

Gottschalk morreu num dia de espetáculo no Lirico.

Foi sepultado no carneiro da família Rôxo, no cemiterio de S. João Batista.

Anos depois a America do Norte reclamou-lhe OS OSSOS.

E levou.

\* \* \*

Os sambistas.

Antonio Santos.

Busy Moreira, grande talento.

André Filho, compositor.

Paulo de Oliveira, o Paulo da Portella.

Assis Valente, de grande valor, ainda preso ao regionalismo do seu estado natal.

Luiz Morais, o **Caninha**.

Almirante...

\* \* \*

[171]

Henrique Foreis, o Almirante, teve seu sucesso máximo no Na Pavuna.

Dedicou-se depois á embolada, genero que estudou. E canta com a perfeição dos cantores do nosso interior. É uma inteligencia viva, um **gentleman**, tendo na sua bagagem valiosas composições.

Aqui está a estilização da corneta pelo autor da Mulher exigente:

“Nas mulheres, minha gente,  
não nasce o dente do sizo.  
E é por isso que elas vivem  
a mostrar sempre o sorriso.  
E’ por isso que eu lhe digo  
quando canto de improviso:  
Oi que tu não tens vergonha  
oi que tu não tens juizo!”

Deve-se a Almirante a introdução do tamborim no disco.

\* \* \*

Lamartine Babo é uma figura contestada e discutida.

Quando lhe faltasse a originalidade que lhe negam, o seu valor pelos comentários que sugere, já seria um valor.

O seu sucesso em 1932 foi acusado de plágio.

[172]

Dizem que ele adaptou uma produção dos irmãos Valença, fazendo o **Teu cabelo não néga**.

Mas o fato é que a marcha pernambucana existia no esquecimento.

Ele deu-lhe novas tintas.

A marcha pegou.

Tudo que é de sua autoria sofre contestação.

E a acreditar na verdade do que assoalham seus inimigos teríamos que concluir esta coisa curiosa: para que as músicas tenham sucesso é necessário que ele apareça como autor.

\* \* \*

A cidade de Mario Pederneiras, que cantou as nossas ruas como ninguém, tem uma figura singular a serviço da sua musa, displicente, um desses talentos legítimos, uma alma paisagista que é preciso salientar.

Nássara.

Antonio Nássara.

Nasceu em S. Cristovão.

Caricaturista original, inteligencia capaz de tudo o que quizer, em plena mocidade, contribuiu para o deslumbramento do Rio fazendo a musica e o estribilho celebre daquela **Formosa**:

“Foi Deus quem te fez formosa,  
formosa, formosa;  
porêm este mundo te tornou  
presunçosa..., presunçosa...”

[173]

O cantor de rua não tem, além da poesia, outro ideal.

Eduardo das Neves deixou uma modinha dedicada a seu filho Indio das Neves, autor da **Noite alta, céu risonho**, na qual ha estrofes assim:

“Não négo pois faço alarde  
e tenho pressentimento  
de que ele será mais tarde  
brasileiro de talento.”

\* \* \*

Não se enganou.

Índio das Neves é um cultor do gênero que  
sagrou o grande carioca que Eduardo foi.

Ha ainda nessa modinha outras quadras  
expressivas:

“Negai-lhe toda riqueza  
de que a terra está repleta  
mas em toda essa pobreza  
dai-lhe a corôa de poeta.”

\* \* \*

Para Eduardo bastava que o filho tivesse na vida  
essa vocação.

E o autor da “Conquista do ar”, assim termina  
sua modinha:

[174]

“Estes versos tracejados  
sem veleidades de bardo,  
são do meu peito exalados  
são do teu pai Eduardo.  
São teus, meu Índio formoso,

meu coração neles vai.  
Se um dia os leres, saudoso,  
não te esqueças de teu pai!”

Indio nesse tempo era muito menino.  
Quando cresceu não esqueceu o pai.  
E o nome continua gloriosamente no filho que é  
poeta de vôo largo, com a alma romantica, á antiga,  
mas brilhante nas imagens condoreiras que ainda tem  
auditorio na população.

\* \* \*

A musica expontanea da cidade arreбата.  
É toda a historia da vida cascadeando em versos  
simples, legitimamente poéticos, feitos pelos cantores  
que não copiam Stechetti; que nunca leram Leconte,  
nem Carducci; nem Rinbaut; nem Verlaine; nem  
Malarmé; nem Heine; nem Schiller; nem Byron, nem  
Dante; nem Bartrina; nem Goethe; nem François  
Coupee; nem Heredia...

Entretanto, se querem lembrar os castigos da  
 vaidade, são filosofos assim:

[175]



“Nesta vida nós não somos nada  
para que tanta pretensão.  
nosso futuro é uma caveira,  
ora meu bem,  
a vida é uma ilusão.”

\* \* \*

Ou então esta:

“Orgulho, hipocrisia, vaidade  
nada mais  
são três coisas que em menos de um segundo se  
(desfaz.”

E’ do Paulo da Portela.

Os puristas hão de querer concertar aquela  
concordancia.

Porque os puristas falam sob medida.

Não compreendem que a linguagem é um meio  
de comunicação entre os humanos.

E perderam tempo, gramaticos e filósofos, uns e  
outros a estabelecerem regras, (esquecidos de que as  
regras são os acórdãos lavrados pelo povo) e que a  
origem de uma palavra não interessa praticamente,  
porque elas mudam até de sentido no perpassar das  
gerações.

\* \* \*

Estamos em pleno tumulto do samba.

[176]

“Eu fui a um samba lá no morro da Mangueira  
Uma cabrócha me falou desta maneira:  
Não vá fazer como fez Claudionor,  
que pra sustentar família foi bancar o estivador”.

\* \* \*

Como síntese verbal e mental, isso vale a  
**Divina Comedia.**

A cabrocha chamou o seu gostoso e disse que  
ele não fosse **trouxa.**

Que não deixasse a vida aprazível da orgia para  
fazer força no cais.

E ainda mais: para **sustentar família** que, dito  
assim sem o artigo, deixa a gente na dúvida se se  
tratava da família legal do malandro, ou se de outra que  
as contingências lhes tivessem feito sustentar, tal qual o  
Claudionor...

\* \* \*

Quando o dinheiro escasseia, não dando para o pagamento dos gastos, ha uns arreglos.

Este samba diz:

“Não quer amor sem carinho nem nota  
não sou idiota  
prefiro a orgia

[177]

Mesmo estando sem batente  
vivo muito contente  
as despesas são pagas em conversas macias...”

\* \* \*

Conversas macias.

A gente vê a conversa do malandro junto ao caixa do restaurante ou do bar, pondo seda na boca, para o dono da casa.

Quer espetar a despeza.

E com a conversa macia, espéta...

\* \* \*

O homem já está ficando valorizado.  
A mulher já confessa francamente no samba as  
suas paixões:

“Moreno faceiro  
tipo bem brasileiro  
meu sonho, meu ideal.  
por causa de um moreno desses  
se eu padecesse Senhor  
não fazia mal.

E passa a nota com gosto.

\* \* \*

[178]

Este samba de Dan Mallio Carneiro diz  
eloquentemente o que sente a alma feminina olhando o  
tipo da sua preferencia: Você é o homem do meu peito.

“Tenho ciume de você  
e não sei o que vou fazer  
que evite o mal.  
Prefiro ter que passar fome

porque você é meu homem  
tipo ideal.  
Homem do bom.  
Toda mulher fica lhe olhando  
e eu só fico espiando  
o jeito que elas tem.  
Passam todas remechendo  
e você só vai dizendo:  
– Ai, meu bem.  
Pode até me dar dentada  
pode me arranhar de jeito  
pode fazer o que quiser  
dessa mulher.  
Você é o homem do meu peito  
só com você me ageito.”

\* \* \*

Mais cantores.  
Patricio Teixeira.  
Grande no choro.

[179]

Lembra o Rio de ontem.  
É mais jocoso do que dolente.

Ha uma ponta de cançoneta no seu cantar:

“Ai Helena!  
ai Helena!  
Helena, meu bem,  
você não vai, que eu tenho pena,  
Helena!  
É 1, é 2, é avestruz, é aguia,  
O burro carrega a carga  
e o cachorro é ladrão.  
Lá vem a cabra com o chifre pra traz.  
dizendo: mineiro vais,  
que ele é mansidão...  
Helena!”

\* \* \*

Augusto Calheiros, grande voz, não abdica do  
seu pendor de cantor nordestino.

Romântico, não gosta da luz elétrica.

É dos que se pudesse faria aqui como se faz no  
seu estado, que é Alagôas: mandaria apagar a  
iluminação pública nas noites de luar...

\* \* \*

Um romantico moderno.

[180]

Parece que quando canta está chupando balas perfumadas: É Jorge Fernandes.

Que falta ele fez nos tempos dos punhos de renda, dos calções de setim branco, das cabeleiras empoadas...

\* \* \*

São dessa classe Gastão Formenti e Moacir Bueno Rocha.

Recordam os cancioneiros de 1830, que não punham hidrometro para o registro das lagrimas...

\* \* \*

Mas ainda ha muita palidez serafica nos ambientes modernos dos bungalows e dos arranha ceus...

A serenata existe.

E aceita um automovel para condução.

\* \* \*

Alberto Simoens da Silva, o **Bororó**.  
Henrique Melo Moraes, irmão de Clodoaldo,  
nome que me recorda a Gavea.  
Meus oito anos.  
Jaqueiras.  
Um violão.  
O meu dedo não dava no traste.

[181]

Mas eu tocava.  
Lá menor.  
O padre Petra, do local, olhava pelos olhos  
enfumaçados e murmurava censuras numa voz rouca,  
como convém.  
O padre Petra.  
Paulino Petra da Fontoura Santos.  
Tio de João Petra, que me vingou...

\* \* \*

As serenatas de hoje procuram os luares que são  
feitos ao sabor dos amores.  
Hoje ha luares verdes.  
Luares de perolas.



Luas rôxos, simbolistas.  
Depende da côr do abat-jour em suas  
arquiteturas de papel...

\* \* \*

J. Tomaz.  
É um combatido.  
O Instituto de Musica está para esta arte como a  
Academia para a literatura.  
É um entrave.  
Os musicos que saem do Instituto ficam em  
geral presos á gramática das pautas.

\* \* \*

[182]

Ninguem diz que não se estude musica.  
Mas que se estude musica do Brasil.  
No sarcofago da rua do Passeio como na  
catacumba da avenida das Nações, o que se faz é o  
servilismo do estrangeiro.  
Resultado: quarenta milhões de habitantes  
zombam dessas duas fossas – a do Instituto muito mais  
prejudicial, porque se propões calamitosamente a

ensinar.

\* \* \*

A Academia de Letras, para felicidade nossa,  
não faz opinião.

Ela constitue um grupo que se defende.

Suas vagas são preenchidas de acordo com os  
interesses de seus membros.

Bajulando o hermismo, elegeu Dantas Barreto.

Bajulando o nilismo, elegeu o ministro Lauro  
Mulle.

Bajulando o governo Venceslau, elegeu o  
ministro João Luiz Alves.

Bajulando o governo Washington Luiz, elegeu o  
ministro Otavio Mangabeira...

Bajulando a ditadura atual, elegeu o coronel  
Gregorio da Fonseca.

\* \* \*

[183]

J. Tomaz é acusado de não saber musica.

Ele entretanto tem um alto valor.

Suas produções, como a sua maneira de reger,

que fez escola, de luva, dansando com a orquestra,  
agrada as platéas.

E a finalidade do artista é apenas esta: agradar.

\* \* \*

Freire Junior é uma figura de real merito:

“Chora, chora meu amôr  
Chora que passa a tua dôr.”

O **Ai seu Mé**, que lhe valeu **cana** dura, o **Luar de Paquetá**, a **Malandrinha** e a **Deusa** são produções que a cidade consagrou.

\* \* \*

Mais sambistas.

Murilo Caldas, Fernando de Castro Barbosa.

Mais cantores.

Alvinho que gravou meu disco de estréia:  
**Bangalow** com musicas de Osvaldo Santiago, autor de lindas letras, nordestino que não se adaptou ao samba.

Léo Villar.  
Antonio Moreira da Silva, que é autentico.  
Maximino Serzedelo, interpretador de tangos,  
genero em que é extraordinario.  
Jaime Vogeler.  
Walter Brasil.  
Nerval Duarte.  
Silvio Pinto.  
Helena Pinto de Carvalho.  
João Carlos Penteado.

\* \* \*

Mais autores.  
João de Barro. De forma perfeita.  
Oscar Cardona.  
Alberto Ribeiro, grande talento, autor do **Tarde demais.**  
Jurandir Santos.  
Licurgo Batista.  
Plinio de Brito.  
Luiz Martins.  
Josué de Barros.  
Gastão Vianna. – **Macaco olha o teu rabo!**  
Olegario Mariano:

“Mulher vamos deixar a intimidade  
Entre nós mais nada existe,

[185]

Nem o amor nem a saudade.”

\* \* \*

E’ a academia no samba.  
Na hora do publico, o fardão péga no tamborim.  
Roberto Martins:

“Ri, quá, quá, quá,  
Deste alguém que tanto chora  
Deste alguém que tanto chora por mim.  
Não posso ter amizade,  
Pois eu tenho em que pensar.  
Deixa essa mulher chorar,  
de saudade...”

\* \* \*

Laercio Lemos de Azevedo.  
Haroldo Daltro – **Meninda que tem uma  
pose...**

\* \* \*

A malandragem.  
Um malandro assim a definiu com toda logica  
num samba:

“A malandragem muita gente desconhece  
o que quer dizer.  
Ser malandro do baralho,

[186]

é saber viver  
sem ter inimigo no trabalho.”

\* \* \*

Não entenderam?  
É facil.

\* \* \*

O Rio.  
A alma dos palhaços.  
Quando se chega a um arrabalde, de lapis, para  
as notas ligeiras, saltam evocações.

Benjamim de Oliveira que sagrou o violão no circo, ainda existe.

Foi o palhaço mais notavel do seu tempo.

Transformou o circo.

Chegou a fazer o **Danilo** da Viuva Alegre.

\* \* \*

Eduardo das Neves foi palhaço.

O irmão Sabino tambem, ficou até com o vulgo.

o **Palhaço** acabou assassino e condenado, morrendo, na Correção, entre os seus dois cachorrinhos amestrados:

– Maricota !

[187]

E a cachorrinha pulava os arcos no pateo da cadeia.

Reminiscencias do circo, dentro dos muros cinzentos daquele outro circo que não tem luminarias na porta, e cujo “**guichet**” é uma guarita tambem mas sem risos, e com um homem fardado.

\* \* \*

O samba.  
Os mulatos fortes.  
Os moleques indigestos.  
As cabrochas que vivem vida gostosa só na  
sêda, garantindo o batente do amor, na zona do 9.º, nos  
dancings, nos casebres do morro...

\* \* \*

O samba venceu.  
Um samba é uma síntese da inteligência:

“O que será de mim  
neste mundo assim  
não sei onde vou parar  
O meu terno melhor, rasgou  
O meu sapato também furou.

[188]

O meu chapéu caiu na linha –  
Meu Deus que sorte a minha!”

Descreveu a sucessão de desgraças.  
Terminou com o último apelo da lamentação.



\* \* \*

O samba.  
Existe até no repique dos sinos cariocas.  
O leitor preste atenção.

\* \* \*

O radio.  
O samba tem no radio um grande servidor.  
O radio é no momento um problema descurado  
por parte do poder.  
A cidade que tanto lhe deve, precisa igualmente  
voltar para ele as suas vistas prestigiando, colaborando  
para que ele cumpra as suas finalidades em prol do  
progresso geral.

\* \* \*

Os speakers.  
Cada um deles é uma organização perfeita, em  
generos diversos, mas identicos no merito intelectual e  
na honradez.

[189]

É a voz que saúda a cidade, anunciando com graça, os produtos comerciais e as novas produções.

O **speaker**, pelo microfone do radio, faz a gloria alheia.

E' propulsor altruistico da vitoria dos outros, esquecido de si mesmo, a sentir na ascensão do proximo, a propria glorificação.

Dá-se por pago em anunciar a coroação dos vencedores e, com espirito de renuncia, passa a vida assim: colando a boca na rodela prateada por onde espalha a felicidade ou os anseios de seus semelhantes, sempre uniforme nas dedicações.

\* \* \*

O **speaker** tem na alma um sismografo para o registro das emoções.

A cidade ama-lhe a voz.

Ele anuncia tudo.

A beleza do canto e o ultimo modelo de vestido.

Porque afinal é tão interessante e util um samba dolente, como a aparição de um sabonete.

Se bem que, quanto ao sabonete, o João Luso vai protestar...

É Felicio Mastrangelo, austero e grave como um inglês.

É José de Carvalho, elegante no frasear.  
É Valdo Abreu, creador de uma escola.  
É Armando Reis – **Cristovão de Alencar** –

[190]

de estilo proprio, a suavidade cristalina numa simplicidade de fulgor.

É Murilo Carvalho.  
É Albenzio Perrone, consciencioso e claro.  
É Inácio Guimarães, inteligente e grave.  
É Amador dos Santos, sereno e brilhante.

\* \* \*

O radio teve na inauguração da rêde **Verde e Amarela** um concurso inestimavel a serviço da cultura do paiz.

Iniciativa de Alberto Byington Junior, a rêde **Verde e amarela** realizou o intercambio de cinco cidades brasileiras, constituindo o primeiro acontecimento do genero na America do Sul.

Assistida carinhosamente por Moacir Fenelon, a rêde **Verde e amarela** vale pela prova do quanto é possivel ao trabalho e á dedicação.

Num ambiente em que infelizmente o merito

constitue um prejuizo a quem o possui, um fato dessa ordem precisa ser gritado, ressaltando-se o seu aparecimento sensacional.

Falei ahi em Moacir Fenelon.

É uma dessas glorias anonimas, desses trabalhadores á modo do inseto de que nos fala Maeterlink.

Vivendo no seu casulo de trabalho, dele vai saindo uma porção de vitorias, continuando ele no silencio, satisfeito consigo mesmo.

[191]

Brasileiro nato, sem que ninguem lhe ensinasse, tornou-se o nosso unico gravador de discos, e tendo no trabalho a sua religião, realiza um caso unico no meio, pôsto que essa tecnica era até aqui um privilegio do exterior.

A abelha descobriu o segredo da abelha.

Mas, como se não bastasse essa preocupação de ordem material, o espirito do mineiro se alçou a outras regiões, ressaltando nele o intelectual e o musico, julgando igualmente a cêra, a partitura e as letras, num açambarcamento do seu espirito de realização.

Entre a folga da lente verificadora das linhas receptoras das vibrações, ele pôde descobrir, fóra de

seu estúdio, os valores que possivelmente se perderiam longe da sua visão.

Deve-se a ele o lançamento de cantores do mérito dos Irmãos Tapajós.

O relêvo de figuras como Zézé Fonseca e Elza Cabral.

O aparecimento de Ascendino Lisboa, Fernando Castro Barbosa, Nerval Duarte e Moacir Bueno Rocha.

Foi pela sua mão que gravou pela primeira vez a sua voz, Noel Rosa, no **Gago Apaixonado**.

Jorge Fernandes, que era um cantor cujas gravações se haviam perdido no comum teve, nele, o seu grande sucesso na gravação de **Pierrot**.

O caso de Vicente Celestino é expressivo.

[192]

O cantor da **Flôr do Mal** parecia completamente inexistente.

Em Moacir Fenelon ele teve perfeita resurreição.

Da gravação da **Noite cheia de estrelas**, nasceu uma nova vida para esse cantor.

Foi como um toque de alarme ao passado, chamando para as fronteiras das palmas aquele tenor que tantos anos antes havia deliciado a população.

Como se vê, Moacir Fenelon é um trabalhador e um magico.

O seu destaque é um ato de justa consagração.

\* \* \*

Nos programas de radio, como organizador, ressalta Ademar Casé pela intuição.

O seu programa é um espetaculo sensacional.

\* \* \*

A dança.

Quando o Rio anoitece iluminam-se feericamente as casas.

E logo se escuta a musica dos sobrados onde se dança até o amanhecer.

\* \* \*

O leitor não dança?

[193]

Cantar e dansar é da vida.

O homem canta.

Canta a mulher.

Cantam os passaros.

E os intimos dos frades do convento de Santo Antonio, como Rafael de Holanda, cronista erudito e fulgurante, dizem que esses religiosos furam os olhos dos canarios, dos coleiros e dos curiós, para que eles, cegos, gorgeiem mais nas gaiolas de flécha de poleiros balouçantes e bebedouros de cristal.

Os passarinhos com os olhos furados, cantam mais.

Não sabem quando é dia nem quando é noite.

Cantam sempre com a idéa confusa, pensando nas arvores que não veem mais, melodiosos e nostálgicos, para goso dos abades nédios daquele morro tradicional.

\* \* \*

Cantar.

Os passaros.

As cigarras.

“Na opinião das cigarras cançãoeiras, existir é  
(cantar

Pousar no leque aberto das palmeiras,  
Confundir-se com o ar,

Moléculas volateis da loucura,  
Pétalas da flor da alma do verão,

[194]

nessa linguagem linda e obscura  
que lindo mote que as cigarras dão.  
Ó filosofia das cigarras!  
ser livre, voar, sem peias nem amarras,  
sem convenções e sem dever,  
fazer inveja aos músicos e aos poetas  
cantar ao sol e ao luar cantigas prediletas!  
cantar  
cantar  
cantar, estalar e morrer!”

\* \* \*

Isso é de Hermes Fontes, aquele poeta genial,  
que traído deu um tiro na cabeça, finalizando uma vida  
de ingenuo que não conhecia o seu próprio mérito, não  
sabendo dar na moeda própria o troco à maldade que  
lhes cercava o vulto de triunfador.

\* \* \*



O canto...

É o ultimo aneio do cisne, magua flutuante,  
cuja vida é todo um silencio branco, até o dia em que  
morre, soltando aquele simbolo orquestral...

Eu falava tambem da dansa intercambio  
amoroso de todas as eras.

[195]

Salomé.

Os sete véos.

Herodes.

A cabeça de Yocanaan.

\* \* \*

Platão estabeleceu dansas rusticas.

Socrates, o da cicuta, confessou francamente o  
seu pendor de bailarino.

Os primeiros bispos, segundo Escaligero, eram  
chamados **praesulis**, o que quer dizer: diretores de  
dansa, porque iam na frente das farandulas harmonicas  
da cristandade.

O nosso Duque dansou com Maria Lina, mão do  
tenor Del Negri, diante de um Papa a nossa dansa

nacional.

Sully, ministro de Henrique IV, foi dansarino elegante.

Richelieu, fundador da Academia Franceza, foi fanatico pelos bailes.

Nazarino dansou a pavana com Ana d'Austria e fez com que Bensarade escrevesse peças musicas para serem dansadas por Luiz XIV, a quem se deve a entrada, pela primeira vez, de bailarinas nas cenas teatraes.

Ao lado das dansas, andaram sempre, ou dansaram sempre, os cantos regionaes começando pelos

[196]

hinos de exaltação, e acabando na expansão livre das populações.

\* \* \*

Moysés dansou diante do seu povo.

Entre os hebreus dansavam as virgens de Israel.

David dansou diante da arca.

Sabe-se das dansas em louvor ao Bezerra de Ouro.

\* \* \*

A carioca dança em toda parte.  
E', á noite, a mariposa do luxo que João do Rio  
registrou na sua primeira invasão espiando as vitrines.  
E as cariocas rodam hoje, até o dia claro,  
debaixo das lampadas dos dancings que se espalham  
pela cidade num delirio de harmonias e paixões.

Chama-se Ivete.  
E' um lindo veneno moreno.  
E' flexível como uma haste de avenca...  
De boca apunhalada...  
Ama?  
Talvez odeie beijando...

\* \* \*

Chama-se Lourdes.  
E' loura.

[197]

Parece uma boneca fóra da caixa.  
Tem o rôsto de louça pintada.  
Tem dois olhos de esmalte movediços.

\* \* \*

E exalam todas um cheiro de fazenda nova, na  
dolencia do samba que é uma liturgia na surdina dos  
pistões.

Chama-se Nair.

Maria ou Clélia.

Jandira, Jurema ou Beatriz...

São as flores do asfalto.

Novas ninfas, iguaes, na emoção, ás morenas do  
morro que sambam sorrindo, amando e cantando,  
perfeitas no ritmo da musica genuina da cidade **leader**  
da America do Sul.

\* \* \*

A dansa.

Aportou aqui na valsa franceza.

\* \* \*

No Rio viveu a quadrilha de lanceiros.

O jongo.

O can-can.

A seguidilha.

A tarantela de Napoles.

A furlana dos gondoleiros de Veneza.

[198]

Os bailados russos.

A mazurka polaca.

A czarda da Hungria.

A habanera espanhola.

O minueto da alta Italia.

A musica, emfim, personificada pelos gregos em Terpsichore, uma das nove musas que agora são dez, com a carioca que dança e canta com as mãos enlaçadas nas mãos amadas, mostrando na ponta de cada dedo a porcelana vaidosa de um espelhinho oval...

\* \* \*

Estou num café.

E' preciso acabar o livro.

Falo a Carlos Mota:

– Falta alguém?

– Falta. Falta o 5.º anista do Gimnasio, Floriano Belham, que foi a primeira criança que gravou disco no Brasil, aquele celebre “Mamãezinha”...

E vivaz:

– Não esqueça o **Bando da lua** que introduziu,

no samba o birimbáo, que parece clarone.

Não esqueça – continúa o grande reporte – que o necessario é a orquestra típica do samba, idéa de Mario reis.

E incisivo:

– O portuguez no fado não dispensa a guitarra. O argentino no tango só quer bandonion. Nós tocamos samba com as orquestras dos outros povos...

[199]

Carlos se distrae.

E assobia uma linda musica, que faz a gloria de Henrique Vogeler:

– Ai iôô, eu nasci p'ra sofrer...

Arnaldo Amaral, cantor novo, canta baixinho a melodia.

Rubem Gil passa e olha as tiras que se misturam na minha mão.

Vae com Licurgo Costa que é Afonso XIII quando era moço.

\* \* \*

Passa uma creatura esguia.

Perfil de medalha.

Andar indolente.  
A vida é um “espelho de loja”...  
O meu olhar segue, perdido, a figura longa  
dessa mulher...

\* \* \*

Olho as tiras de papel.  
E’ preciso parar.

\* \* \*

Este livro é um samba.  
Samba é o meu estilo rebelde.  
Insubmisso.

[200]

Sincero.  
Posto no papel sem receitas.  
Sem moldes.  
Sem formularios.  
Eu mesmo, tal qual sou.  
Tal qual sempre fui.

\* \* \*

Estas paginas foram escritas na rua.  
No barulho das chicanas dos cafês.  
Em papeis diferentes.  
Em varios recantos da cidade.  
No registro imprevisto das emoções.

\* \* \*

E' um livro simples.  
E' ligeiro.  
E' vivido.  
E' despretencioso.  
E' meu.



## FIGURAS DO LIVRO

### A

Antonio Nassara  
Antonio Torres  
Antonio Moreira da Silva  
Augusto Frederico Schmidt  
Augusto Calheiros  
Augusto Vasseur  
Augusto Viana  
Alfredo Viana (Pixinguinha)  
Alfredo (Pandeiro do diabo)  
Ari Barroso  
Aricles França  
Amorim Junior  
Aurelio Cavalcante  
Anacleto Medeiros  
Artidoro Costa  
Adelmar Tavares  
Aurora Miranda  
Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde)  
Azevedo Amaral  
Agenor de Oliveira (Cartola)  
Aristides (Moleque Diabo)  
Arêas

André  
André Filho  
Atilio Brani  
Amaro  
Adolfo Bergamini  
Artur Costa  
Artur Azevedo  
Alberto de Carvalho  
Alberto Simões da Silva (Bororó)  
Alvinho  
Armando Reis (Cristóvão de Alencar)  
Ademar Casé  
Albenzio Perrone  
Amador Santos  
Arnaldo Amaral.

## B

Brant Horta  
Benedito Pinto  
Benedito Lacerda  
Bonfilio de Oliveira  
Braga  
Butman  
Buci Moreira  
Benjamin de Oliveira

C

Castro Afilhado  
Carlos Lentine  
Casemiro de Abreu  
Candido Campos  
Canuto  
Catulo Cearense  
Cadete  
Calado  
Castro Barbosa  
Carmen Miranda  
Carmen Machado  
Carolina Cardos de Menezes  
Custodio Mesquita  
Chiquinha Gonzaga  
Carlos Braga (João de Barro)  
Carlos Mota.

D

Duque  
Djalma  
Dam Malio Carneiro  
Dantas Barreto

Del Negri.

E

Ernesto Nazaré  
Ernesto dos Santos (Donga)  
Eduardo das Neves  
Elza Cabral  
Elisa Coelho  
Eunice Ferreira  
Euclides da Cunha  
Eligio  
Eduardo Souto  
Eurico do Estacio  
Eurico Sá  
Ernani Braga  
Ernani Amorim  
Evaristo de Morais.

F

Francisco Alves  
Francisco Manoel  
Francisco Melo  
Felix Pacheco  
Freire Junior

Floriano Belham  
Flavio Santos  
Furinha  
Filhinho  
Felicio Mastrangelo.

G

Gonçalves Ledo  
Gastão Bueno Lobo  
Gastão Viana  
Gastão Formenti  
Glauco Viana  
Grei  
Geraldo Magalhães  
Galhardo  
Gesi Barbosa  
Getulio Marinho (Amor)  
Gradin  
Gumercindo  
Gregorio da Fonseca  
Guilherme Pereira  
Glukman

H

Horacio Campos  
Hermes da Fonseca  
Hermes Fontes  
Henrique Vogeler  
Henrique Foreis (Almirante)  
Henrique Mesquita  
Henrique Melo Moraes  
Heitor dos Prazeres  
Helio Lobo  
Helena Carvalho  
Haroldo Daltro.

## I

Ismerino Cardoso  
Irineu de Almeida  
Ismael Silva  
Ismar Santiago  
Ivan Lopes  
Indio das Neves  
Inacio Guimarães  
Irmãos Tapajós  
Iolanda Visconti.

## J

J. B. Silva (Sinhô)  
J. Medina  
Josué Barros  
Jacomini  
Jaci Pereira (Gorgulho)  
João da Baiana  
João Pernambuco  
João Cancio  
João Petra de Barros  
João Luiz Alves  
João Penteado  
João Martins  
João Alfredo  
João de Mesquita  
João Menezes  
José Mauricio  
José Americo  
José Carvalho  
Jonjóca  
Jaime Brito  
Jaime Vogeler  
J. B. de Carvalho  
Jeronimo Cabral  
J. Tomaz  
Joaquim Arcoverde  
Jorge Fernandes.

Jurandir Santos.

K

Kid Pepe

Kalúa

Kosarin

L

Laurindo Rabelo

Luiz de Souza

Luiz Americano

Luiz Barbosa (Caninha)

Luiz Moraes

Luiz Martins

Lucina Soeiro

Lauro Muller

Lupercio Miranda

Leovigildo Cardoso

Lamartine Babo

Léo Vilar

Licurgo Batista

Licurgo Costa

Laercio Lemos de Azevedo



## M

Mario Reis  
Martins Castelo  
Machado de Assis  
Murilo Araujo  
Murilo Caldas  
Mauro de Almeida  
Mario Cavaquinho  
Mozart Araujo  
Mauricio de Lacerda  
Martim Francisco  
Mario Pinheiro  
Madelú Assis  
Marcilio Dias  
Mello Moraes Filho  
Mario Travassos  
Mario Cabral  
Mario Azevedo  
Monteiro Lobato  
Mario Pederneiras  
Moacir Fenelon.  
Moacir Bueno Rocha  
Maximino Serzedelo  
Murilo Carvalho  
Maria Lina.

## N

Nelson Costa  
Nelson Alves  
Nelson Brito  
Nilton Bastos  
Norberto Amaral (Morcego)  
Nozinho  
Noel rosa  
Neilor Sá Rego (Iôio)  
Napoleão Tavares  
Nerval Duarte

## O

Olegario Mariano  
Olavo Bilac  
Osvaldo Vasques (Baiaco)  
Osvaldo Cruz  
Osvaldo Viana  
Osvaldo Silva  
Osvaldo Santiago  
Osvaldo Lira  
Oscar Cardona  
Otilia Amorim

Otávio Mangabeira  
Orlando Coelho (Cebola)  
Olevena  
Otaviano Romero (Fon-fon)

P

Paulino Petra  
Paulino Santos  
Paulo Barreto (**João do rio**)  
Paulo de Oliveira (Paulo da Portela)  
Pedro Damião  
Pedro Cabral  
Plínio Paes Leme  
Plínio de Brito  
Pereira Filho  
Pereira Passos  
Patola  
Perilo Gomes  
Printéa Passos  
Pantaleão de Oliveira  
Pascoal de Barros.

Q

Quincas Laranjeiras

## R

Ruy Barbosa  
Rosalvo Costa Rego  
Rafael Paixão  
Rafael de Holanda  
Rubens Soares  
Rubens do Estacio  
Rubens de Queirós (Carambola)  
Ruberti  
Rogerio Guimarães  
Rodrigues Alves  
Ruth Franklin  
Raoul Pepe (Roulien)  
Roberto Vilmar  
Rodrigo Silva  
Roquete Pinto  
Romualdo Peixoto (Nônô)  
Rondon  
Roberto Martins.

## S

Santos Dumont  
Sebastião Leme

Sonia Barreto  
Stefania de Macedo  
Sá Pereira  
Saldanha da Gama  
Silvio Caldas  
Satiro de Melo  
Satiro de Almeida  
Sandoval Dias  
Salomão  
Silvio Fernandes (Brancura)  
Sizenando  
Silvio Pinto.

T

Temistocles Cavalcante  
Tute  
Tute Filho  
Tio Faustino  
Tiradentes  
Taranto.

V

Vicente Celestino  
Vicente Barraca

Vadico  
Valdemiro Alves  
Vanderlei  
Vantuil de Carvalho  
Victor Barcelos (Dedé)  
Valfrido Silva  
Varnhagen  
Valter Brasil  
Valdo Abreu.

*Z*

Zair Cavalcante  
Zaira Santos  
Zézé Fonseca  
Zé com fome.

**LEIAM**

**O PHANTASMA DOURADO**

**DE**

**ORESTES BARBOSA**

**A' VENDA EM TODAS  
AS LIVRARIAS**

Confeccionou: A CASA DO LIVRO – Becco do Bragança, 22-B